

Festival de Brasília: Os filmes fazem a festa

O Cine Karim todo reformado, de tela nova italiana e projetores de lâmpada Xenon. Canhões de luz dentro do cinema e um casal de apresentadores brincando com o público. Gente, muita gente, lotando a sala e fazendo a maior festa. Qualquer dúvida, está no Aurélio: festival quer dizer grande festa.

Marco Antônio Guimarães, um dos organizadores do 20º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, não hesita em dizer que este é o ano do renascimento. Títulos importantes na mostra competitiva em 35mm, um amplo painel da realidade nacional na bitola 16mm, abrangendo das bruxas de SC a um retrato de Olinda, garantem a presença do público. A programação se completa com o Festivalzinho, este ano homenageando Maurício de Souza, debates com os realizadores e uma mostra de cinema latino e de expressão portuguesa.

Mas ele se queixa da eterna falta de verbas, "que impossibilitou a realização dos encontros de cineclubistas e pesquisadores, eventos que ajudam a caracterizar o festival como de trabalho, de reflexão. E esta discussão acaba resvalando para a política, dada a proximidade com o poder que a cidade oferece".

A importância da busca de um perfil para o Festival se explica pela proliferação dos festivais no País. Em Brasília, os participantes do Fórum de

Organizadores de Festivais Brasileiros de Cinema se reuniram para discutir, entre outras coisas, a elaboração de um calendário que compatibilize as datas, procurando até aproveitar as mais significativas para render homenagens ao cinema brasileiro. Este calendário e uma visão conjunta dos festivais, que inclui dados estatísticos, serão divulgados no Fest-Rio.

Pedro Jorge de Castro, representante da Embrafilme no Fórum, diz que no FestRio as discussões vão se dedicar aos festivais isoladamente, tentando dar uma "cara" para cada um deles. "Eu penso que o caminho para isso passa pelas atividades paralelas. Brasília faz o encontro de pesquisadores, Gramado o de críticos e autores de trilhas sonoras, em Fortaleza são os roteiristas. O curta assegurou seu espaço na Bahia e no Maranhão, enquanto no RioCine as discussões sobre mercado são tradicionais" completa ele.

Este raciocínio se reflete na seleção da mostra em 35 mm, que resgatou a força de anos anteriores. Wilson Barros trouxe seu premiado "Anjos da Noite", apresentando uma linguagem de rupturas, o filme fragmentado espelhando a fragmentação da noite. Para ele, a mostra é sobretudo heterogênea, seis filmes com propostas próprias e completamente diferentes entre si.

João Batista de Andrade faz a síntese: "A pequena produção não permite uma seleção estilística para os filmes. É natural que sejam obras com propostas diferentes". Participando pela quarta vez do Festival, ele defende a politização através de debates e encontro de entidades de classe. E a política é o pano de fundo de seu filme, "O País dos Tenentes", onde um atormentado general da reserva, remanescente dos movimentos tenentistas, vive uma profunda crise existencial, vendo a frustração de seus ideais. João Batista fez um filme de imagens apuradas, com a forte presença de Paulo Autran no elenco.

Hermano Penna, que rodou seus primeiros curtas em Brasília, destaca também a importância cultural do Festival para a cidade, o contato que se estabelece entre público, imprensa e colegas. Ele aponta a produção escassa como culpada pela repetição de filmes nos festivais e anuncia idéias e encontros com ministros para discutir a distribuição no interior e exterior. "Fronteira das Almas", seu filme, foi rodado na Amazônia e trata da questão agrária. Suzana Gonçalves, ex-atriz de tv, volta a atuar depois de muitos anos longe das telas, num filme que não faz denúncia, e sim busca a emoção.

Os curtas esbanjaram criatividade, mostrando a revalorização do gênero e provocando reações na platéia du-

rante a exibição. Ana Maria Magalhães, que em "O Bebê" contou com muito brilho a história de uma louca relação entre mãe e filho, aposta no curta e destaca seu caráter de escola. Fred Confalonieri, que agradou bastante com sua visão bem humorada da marginalidade em "Churrascaria Brasil", atribui a maior qualidade a um amadurecimento dos curtametragistas. Ambos querem partir para o longa.

Carla Camurati estreou na direção com "A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal" e mostrou talento. Com excelente acabamento formal e tentando soluções novas na linguagem, o filme ilustra a volta à ficção e a produção bem cuidada que estão fazendo o curta voltar a ser curtido.

O 20º Festival de Brasília refletiu um momento fértil do cinema nacional, de alto nível de produção, que trouxe de volta o público. Caminha para ter um perfil político, de reflexão para uma classe que "cada vez mais se pensa como indústria. Por isso, foi também uma grande festa, de clima dinâmico e criativo, instantes de poesia marcada a luz nos fotografias. Que venha o próximo! Até lá, é ver ou rever estes filmes quando entrarem no circuito exibidor da cidade. Afinal, o cinema é um festival!

LUIZ PIU



Louise Cardoso revive Leila em grande atuação

A Vida Segundo Leila Diniz

Quinze anos após a sua morte, Leila Diniz reaparece, arrastando 60 mil pessoas para as 10 salas de projeção, no Rio de Janeiro, logo na primeira semana de exibição. Quem cita esses números com bastante satisfação é Luiz Carlos Lacerda, diretor do longa que leva o nome da atriz, participando do 20º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

O projeto do filme começou a ser pensado somente dez anos após a explosão do jato que trazia Leila da Austrália, matando muito precocemente a nossa "revolucionária sem bandeira". "Só depois desse trabalho é que eu pude perceber as mudanças que vieram em consequência de Leila", diz Luiz Carlos. "Eu vi que a mulher e o homem brasileiro mudaram. Leila democratizou a sexualidade, a linguagem. Hoje a mulher fala sobre sexo abertamente, e foi Leila que começou com isso".

"Bigode", como Luiz Carlos é chamado hoje, foi amigo íntimo de Leila Diniz desde os treze anos, e acompanhou a carreira da atriz até momentos antes de sua morte. Foi a participação do seu filme, estrelado por ela, num festival na Austrália, que os levou aquele país, sem trazê-la de volta. Para assisti-lo na direção, Bigode chamou Eduardo Mascarenhas, que estendeu sua participação a alguns toques no roteiro. Cacá Diniz, o produtor, que não é parente de Leila, começou a trabalhar com a ajuda de três mulheres: Inês Bloch, Lúcia Almeida Braga e Ana Lúcia Magalhães Pinto. A partir daí Bigode saiu juntando os cacos de suas memórias com os amigos em comum, e com a preciosa ajuda de Lúcia Diniz, irmã de Leila.

O filme é de uma narrativa leve e gostosa. Algumas vezes arrisca uma tirada cômica mais pertinente ao roteiro do que à vida da atriz propriamente. A mitificação do personagem é uma consequência até normal quando se trata de uma produção desse tipo, mas o tratamento dado ao filme vai muito para este lado. Coloca personalidades marcantes que passaram pela vida de Leila relegados a uma posição superficial e secundária para ela, como Domingos de Oliveira e Toquinho, por exemplo. Essa característica nonsense costura todo o filme, junto com uma imagem e som bem apurados.

Esta posição de Bigode se torna mais perigosa quando ele se refere ao Cinema Novo: hippies viajando em LSD, sem a menor idéia do que estão fazendo. O fato dele ter sido um cineasta atuante neste período não necessariamente implica nele ser da mesma escola, mas lhe dá credibilidade junto aos menos avisados. Glauber deve ter se virado pela milionésima vez em seu túmulo.

O mais importante é que exista um documentário sobre Leila Diniz. Uma vida meteórica, mas cheia de coragem e autenticidade, que muitas portas abriu para as mulheres e homens de sua geração, e das seguintes. A sua força jovem e revolucionária é ainda contemporânea, e toca fundo os espectadores, mesmo sendo 90% deles de uma idade que não lhes permite nem mesmo saber quem foi esta mulher. Provas disso são as cartas deixadas por adolescentes com os funcionários dos cinemas aonde o filme é exibido. Para Luiz Carlos, o Bigode, este é o maior retorno.

À noite os anjos têm sexo

Anjos da Noite, filme de Wilson Barros, não precisava do Festival de Brasília, conforme afirmou seu próprio diretor. Já ganhou em Gramado e aproveitou bem a chance de divulgação pela imprensa nacional. Encaixado por uma das constelações mais consagradas do Brasil (Marília Pêra, Antonio Fagundes, Marco Nanini e Zézé Motta), o filme mostra a noite paulistana como personagens típicas desse cenário.

De dia eles trabalham, fim de tarde, eles armam a grande jornada noturna dentro. De manhã dizem qualquer coisa para se livrarem de uma pré-suposta culpa.

Intelectuais, starlets, travestis, michês, corruptos, libertários e vanguardistas, que às vezes nem se encontram, formam um painel fragmentado, onde acontece uma peça de teatro, um filme, um crime, uma performance, uma pesquisa, "cheiração" de pó e muito sexo. Quem não

aparece transando, pelo menos diz que gosta.

O filme é um filme, é um filme, é um filme. Numa das gags mais interessantes, a personagem de Marília Pêra, ao se cansar de procurar um táxi, propõe para o seu garotão fecharem os olhos e fingirem que estão no cinema.

Corta.

Aparecem os dois acendendo a luz do apartamento dela, bem safadinhos.

Infelizmente o público do Festival de Brasília não pôde ver essa metáfora, porque este rolo veio com as partes trocadas. Culpa da Líder.

Marília Pêra deveria participar "hors concours" nos festivais.

Wilson Barros fez o filme, que era o que ele mais queria, estudou para isso, e ganhou pela primeira vez de um primeiro grande trabalho nada precoce.

PAULO CABRAL*

MARMELADA? fantasma dos festivais

Tudo festival que se preze traz consigo um fantasma, a famosa "marmelada". Afinal, uma premiação nunca agrada a todos, e os perdedores sempre encontram argumentos para serem usados contra os jurados. E o Festival de Brasília? Há marmelada aqui? Já houve algum caso público e notório de "armação" para dar a vitória a algum filme?

Segundo a jornalista Maria do Rosário Caetano, "injustiças em festivais vão acontecer enquanto o mundo for mundo". Ela aponta pelo menos duas vitórias questionáveis, e por coincidência, as duas envolvendo o cineasta David Neves. A primeira vez em 1969 quando seu filme Memórias de Helena derrotou Macunaima, de Joaquim Pedro de Andrade, um dos filmes mais importantes do cinema brasileiro. Nem precisa dizer porque foi uma vitória questionável, basta perguntar às pessoas quem já viu Macunaima e quem já assistiu Memórias de Helena.

Dez anos depois, David Neves repetiria a dose ao vencer com o filme Muito Prazer, dois grandes filmes, Prata Palomares e País de São Saruê, o documentário mais importante de Wladimir de Carvalho. Ao ser perguntado sobre esse episódio, Wladimir respondeu que certos resultados, ao longo da história do Festival de Brasília, derivaram mais da linha de pensamento e do comprometimento dos jurados com setores do governo do que de alguma "armação" premeditada.

Essa parece ser a opinião da maioria das pessoas que já se envolveram com o Festival de Brasília. O cineasta

Pedro Jorge, idealizador e diretor do Festival de Cinema de Fortaleza, garante que o Festival de Brasília é um festival sério, mas ressaltou que os jurados sempre sofrem pressões na hora da premiação. "Há pressões para premiar e para não premiar um filme, e essa é a pior forma de pressão porque age como a censura, regulando o que deve e o que não deve vencer".

Em 1980, por exemplo, o Itamarati fez um "lobby" em favor de Eduardo Escorel, que concorria com o filme Ato de Violência. Os tempos já eram outros e os jurados também, e a balança acabou pesando para o lado de Jorge Bodansky, vencedor do ano com Iracema. Mas esse é um caso a parte, porque normalmente as pressões são efetivas, e ocorrem em todos os festivais. E qual seria a forma de evitar essas articulações dos bastidores? Pedro Jorge apontou o exemplo do Festival de Fortaleza, que se utiliza de jurados anônimos, selecionando apenas os filmes a serem exibidos. Todos os filmes recebem o Troféu Iracema, e saem todos vitoriosos.

Maria do Rosário Caetano também coloca uma questão. Por que concentrar a premiação em um só filme se pode haver uma distribuição mais abrangente? Isso aplacaria um pouco a ira dos mais exaltados e talvez evitasse as discussões. Mas a verdade é que toda escolha é dolorosa, porque implica em eliminar uns e privilegiar outros, e ninguém gosta de perder em um país onde para montar um filme é preciso fazer das tripas coração.

HÉLIO FRANCO

CESAR MENDES



Ana Maria Magalhães, Marco Altberg e Pedro Jorge de Castro participam de um debate. O Festival busca um perfil político pela via da discussão.

Cineastas se ajudam em Sampa

O novo cinema paulista não tem uma identidade, apesar de seus filmes terem alguns pontos em comum, dentre eles a repetição de alguns nomes na maioria das fichas técnicas. Um exemplo disso pode ser encontrado no 20º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, onde o nome do Chico Botelho, diretor do filme Cidade Oculta, "hors concours" do festival do ano passado, apareceu como produtor de um curta, fotógrafo de outro, câmera de um longa, além de estar presente em várias listas de agradecimentos.

Segundo o próprio Chico Botelho, essa constância dos nomes nos filmes paulistas se dá por causa de elementos comuns na formação desses cineastas. O principal fator dessa integração é a própria escola de onde saíram: a ECA, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, onde se encontravam para discutir o cinema e acabaram formando

uma associação da classe, a APACI, Associação Paulista de Cineastas.

Hoje, a maioria desse pessoal da ECA, já na faixa dos 30/40 anos, têm suas pequenas produtoras, que ficam próximas uma das outras, na Vila Mariana, S.P. Dessas produtoras saíram filmes como O Olho Mágico do Amor, o Caminho das Índias, Janete, Marvada Carne, Cidade Oculta, etc.

Esses filmes não têm nada a ver entre si, não formam um movimento como o Cinema Novo, assim como não têm uma proposta estética. Segundo Wilson Barros, diretor do longa Anjos da Noite, o que se estabeleceu foi uma proposta política, de fortalecimento da classe e ajuda mútua, como por exemplo, quando sobra magnético de um filme, o cineasta passa para outro, e sobrando desse, também passa para outro, o que acaba barateando as produções.

Outro ponto em comum na produção pulista é o apuro técnico dos fil-

mes, primando sempre pela fotografia, cenografia, montagem e som. Essa produção é consequência da própria formação/geração, já que saíram de uma escola que teve os melhores equipamentos de São Paulo para um espaço dominado pelo Cinema Novo, onde valia a idéia na cabeça e a câmera na mão. "Não temos nenhuma relação edipiana, nem mesmo com a Vera Cruz", afirmou Wilson Barros.

Nem por isso formou-se um gueto do pessoal da ECA. Já que não existe uma proposta ideológica, militante, de como fazer cinema, houve a aproximação com cineastas de outras formações/gerações, como João Batista de Andrade, Hermano Penna, Denoy de Oliveira e outros, que com a APACI garantiram o espaço no cenário do cinema brasileiro.

PAULO CABRAL

CURTAS

Em busca do fôlego perdido

A lei de reserva de mercado para os curtas se mostrou uma fada de dois gumes. Por um lado ela assegurava 2/3 do mercado exibidor, mas por outro lado acabou por levar este mercado a produzir sem qualidade para cumprir a lei. O curta ficou chato. Perdeu a criatividade, abandonou a experimentação. Burocratizou-se.

Mas não foi isso que se viu em Brasília. "Churrascaria Brasil", de Fred Confalonieri, é um exemplo. Trazendo personagens marginais, pívets de um morro do Rio, o curta conta a admiração deles pelo bandidão e sua vontade de ser como ele. Para isso tentam um assalto na churrascaria onde um deles trabalha. A narrativa humorada mostra as peripécias do grupo e tem um final surpreendente, evitando o maniqueísmo e as mensagens definitivas.

Ana Maria Magalhães também se destacou com "O Bebê", tratando da cumplicidade mágica entre os recém-nascidos e suas mães. Um bebê que começa a falar aos dois meses, lê Shakespeare e Joyce, mas que compartilha esse segredo apenas com a mãe. O contraponto se dá através da

relação entre a avó e a mãe do bebê, de onde a diretora tira situações engraçadas. Ana Maria encara e vence o desafio de dirigir uma criança de apenas 60 dias, que acaba se destacando num elenco basicamente feminino, já que o filme não se propõe a tratar do que rola entre o pai e o bebê.

É também assinado por uma mulher outro curta que arrancou aplausos. Carla Camurati trouxe uma paródia de conto de fadas, onde uma lixeira se transforma numa linda starlet mas paga um preço por isso. No final, ela se apaixona por um galã, mistura alucinada de Elvis com Zé Bonitinho, e tem uma grande surpresa. Jogando com os mitos e a utilização por eles dos mídia — a TV é elemento importante no filme, Carla fotografou em preto e branco e buscou uma linguagem própria, utilizando muita música e até aquelas cartelas de filme mudo. Promissor: ela estréia na direção com este "A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal".

LUIZ PIU

Divulgação



Fred Confalonieri durante as filmagens de "Churrascaria Brasil". Afinado no ritmo de produção e gingando com humor, o filme agradou.

Os Jogos Internos estão dando um novo colorido ao Centro Olímpico da UnB, numa festa de integração entre alunos de todos os departamentos.

Mesmo com os problemas de organização, o pessoal da AAAUnB está confiante, com planos inclusive de fundar um clube próprio, atendendo às exigências de seus atletas.

Jogos Internos agitam a UnB

Para os frequentadores mais desavisados do Centro Olímpico, deve parecer estranha a agitação que vem ocorrendo por lá nestes últimos dias. Ao número costumeiro de usuários, têm se misturado diversos "atletas", com bolas e raquetes na mão. A velha "Cantina do Baiano" está quase sempre cheia, os campos de futebol e as piscinas ficam lotadas, sobretudo nos finais de semana. Nas pistas de atletismo, ainda não tão ocupadas, treina-se. E a movimentação no C.O. se estende também durante a semana, no período do almoço ou à noite, a partir das 18 horas. Esta empolgação deve-se à realização dos Jogos Internos da UnB (JIUnB's), que está dando novo ânimo à Universidade, quebrando a monotonia da rotina de aulas.

Com duas semanas de competições, os JIUnB's vão definindo os primeiros classificados. Alegria de uns, que passaram para a segunda fase, e ainda têm esperança de medalha; tristeza de outros que, estão fora da disputa. Alguns esportes, como judô, karatê, atletismo e natação, estão por iniciar suas provas. E nem sempre os mais cotados são os que vencem: o triatlon, competição que exige do atleta grande resistência e regularidade nas três modalidades (nos Jogos, constitui de 350 metros de natação,

9.500 de ciclismo e 2.400 de corrida), tinha como favorito os alunos da Educação Física, só que o ouro ficou com Leandro, da Engenharia Florestal.

Não há dúvidas, no entanto, que são os esportes coletivos que estão agitando mais esta primeira fase dos JIUnB's. Disputas acirradas têm se verificado dentro dos campos de futebol, gerando até fatos lamentáveis como o que ocorreu no jogo entre Direito e Arquitetura, quando os jogadores Leonardo e Roger, se envolveram numa briga que poderá lhes valer os Jogos. Para resolver casos como este ou outros recursos pendentes, a AAAUnB instituiu uma Comissão de Justiça, composta por três membros (um professor, um aluno e um funcionário). E por falar em funcionário, foi a equipe da ASFUB que dominou a primeira fase, goleando a Administração e a Comunicação. Na parte feminina, Educação Física e AMAE devem ser as finalistas. No vôlei masculino o equilíbrio de forças é grande: aos virtuais favoritos Educação Física (campeã em 86) e Engenharia Elétrica, somam-se as boas equipes da Física, da Mecânica, da Agronomia. No feminino, a Educação Física provavelmente manterá o título. A Matemática/Estatística, com uma equipe de grande estatura, é a

mais cotada no basquete masculino. No handebol e pólo aquático, a Educação Física é a favorita. E, finalmente, no tênis, Luís Otávio Chabalgoity, da Economia pode "abalar" o atual campeão Thomás Motta, da Educação Física.

Se por um lado o comparecimento de atletas é grande, o mesmo não pode ser dito quanto às torcidas. Sua presença é rara, sobretudo duante a semana. Os horários apertados da hora do almoço e a dificuldade de acesso ao C.O. à noite para aqueles que não possuem transporte próprio, contribuem para este fato. "Nós da AAAUnB entendemos que a hora do almoço não deveria ser sacrificada, e a noite é para se descansar; fazer os JIUnB's só nos fins de semana dispersaria o pessoal, devido à longa duração; o ideal seria parar a UnB por três semanas, para realizar os Jogos. Deve haver uma sensibilização que o esporte também é importante", justifica "Wagner Mesquita, membro da Comissão Administrativa. "É fundamental que todos os Centros Acadêmicos participem. A falta de mobilização de alguns é que impediu que os JIUnB's fossem ainda melhores", conclui Eduardo Araújo, diretor de handebol dos Jogos.

MARCOS PINHEIRO



A organização atenta para os detalhes de cada jogo.



Um arremesso decisivo no basquete dos IV JIUnB's



A presença de crianças deu uma nova imagem ao C.O.

DESPORTO QUE

Médicos e juizes em campo

A primeira fase dos Jogos Internos da UnB vai chegando ao fim em quase todas as modalidades. Os destaques que apareceram até aqui não foram poucos: boas atuações individuais e coletivas em todos os esportes, a falta de um incentivo maior por parte das torcidas, a busca da vitória em todos os momentos... Mas para que tudo esteja correndo com tranquilidade, duas peças importantes da infra-estrutura da competição vêm cumprindo muito bem os seus respectivos papéis: a equipe de arbitragem e o serviço médico.

Durante as reuniões de organização dos jogos, foi solicitado aos Centros Acadêmicos que enviassem listas de alunos que poderiam participar compondo o quadro de árbitros. Infelizmente, nenhum C.A. se manifestou neste sentido. Um fato como este gerou situações curiosas como, por exemplo, o técnico da equipe feminina de vôlei da arquitetura ter sido o juiz do jogo entre seu time e o da comunicação, após um acordo com as

adversárias. Apesar de dificuldades como esta, as atuações podem ser consideradas boas e os juizes já estão sendo comparados aos bifes do bandedeão: frios, duros e com nervos de aço. Neste sentido, Osvaldo Doroteu De Imondes, que vem "apitando" jogos de futebol de campo também vem se destacando. Antes de iniciar cada partida, Osvaldo reúne todos os atletas no centro do gramado e delimita as suas regras: nada de violência ou desrespeito e reclamações, levando em conta também que não há amizade dentro de campo entre jogadores e juiz. "De um modo geral, acredito que os jogos estão sendo tranquilos", completa ele. Um outro problema identificado por Ailton Dutra de Farias, o "Caburé", é o desconhecimento das regras por parte dos jogadores. Se isso não acontecesse, haveria menos reclamações. "Acho também que a idéia de um quadro permanente de árbitros é muito boa", acrescenta. Atualmente, os juizes ganham 70 cruzados por partida e seus

auxiliares 40, o que não é muito para quem está apitando jogos sob o sol do meio-dia. "Esperamos que nas semifinais, com a redução do número de jogos, as coisas melhorem", complementa Caburé, que apita jogos de futebol de campo e de salão.

A equipe médica formada por alunos dos departamentos de medicina e enfermagem é um outro pilar de sustentação dos jogos. Trabalhando normalmente em duplas, são facilmente identificados por seu uniforme vermelho e o equipamento de praxe: esparadrapo, ataduras, água oxigenada e meriolate. Sob a orientação de professores da área de saúde, o serviço médico ainda não enfrentou nenhuma dificuldade mais grave. Resta torcer para que as atuações em conjunto de médicos e enfermeiros, árbitros e jogadores possam manter um recorde positivo contra a violência.

MARCUS VINICIUS



JUnB'S

PAULO PANIAGO



A saudável confraternização dos atletas do handebol depois de uma disputada partida pelos Jogos Internos.

Você sabe o que significa AAAUnB?

Criada para promover o esporte dentro da UnB a Associação Atlética Acadêmica da Universidade de Brasília (AAAUnB) é muito comentada, porém, poucos alunos sabem o que isso significa. A sigla pode soar estranha aos ouvidos, como também era o FLAAC mas, assim como foi o Festival, em termos de divulgação cultural, a Associação tem papel fundamental no nosso desporto universitário.

Com sede no Centro Olímpico, a Associação é constantemente confundida com o Departamento de Educação Física. "Assim como o C.O., nós somos de toda a Universidade", explica Eduardo Araújo, membro da atual diretoria. "Acho que é um pouco falha nossa não nos preocuparmos em desvincular esta imagem, mas o excesso de compromissos nos dificulta" completa Wagner Mesquita, diretor-tesoureiro. Composta somente por alunos, a atual gestão da AAAUnB conta com sete componentes: o presidente Roberto Tadeu Ramos (o "Bat-girl", como é conhecido), ex-aluno da Educação Física, hoje cursa nutrição; a secretária Sílvia Macedo, estudante de Comunicação; o diretor-tesoureiro Wagner Mesquita, do Desenho. "Estes são os três cargos eletivos. Qualquer substituição só poderá ser feita mediante Assembleia Geral", explica Wagner. Para completar a composição, o diretor-técnico é o aluno Hermany Batista; o diretor de marketing, Márcio Rogério; o diretor de patrimônio Eduardo Araújo e, finalmente, o diretor de divulgação Mário Vinicius Costa, do Departamento de Comunicação, um dos articuladores do boletim informativo dos JIUnB's.

Em 1988 haverá novas eleições para a AAAUnB, no mês de março ou abril. A preocupação pela definição de uma política de esportes dentro da Universidade é de toda a diretoria. "O Departamento de Educação Física deveria tomar a iniciativa, mas falta-lhes recurso humano. As Práticas Desportivas, por exemplo, além de não deverem ser obrigatórias, não podiam ser dever do departamento,

pois ocupam boa parte de seu pessoal. Esta divisão de trabalhos é fundamental", afirma Wagner Mesquita.

CLUBE

A idéia de dar à UnB uma representação esportiva maior, para que possa participar dos campeonatos oficiais da cidade, fez com que a diretoria da AAAUnB pensasse na criação de seu próprio clube. Segundo o Sistema Desportivo Nacional, a Associação está incluída na categoria estudantil, que engloba equipes de colégios ou universidades. "Com isto, os atletas da UnB ficam impedidos, por exemplo, de disputar o campeonato de vôlei do Distrito Federal; no máximo lhes é permitido a participação num torneio não-oficial. Isto impede uma maior projeção, a não ser num clube comunitário, como o late. A conciliação do estudo-hora de treino fica difícil desta forma", explica Wagner. "A criação do clube seria uma forma de "burlar" a legislação, completa Eduardo. O clube, como qualquer outro, contaria não somente com pessoal da UnB, mas também com atletas vindos de fora.

"O primeiro passo, no entanto, é a formação dos Centros Desportivos Universitários em cada esporte, conforme já acontece com o handebol", afirma Wagner. O caso do handebol é mesmo o mais sério: "O CDU de handebol da UnB foi o campeão do torneio da cidade; cinco dos 14 jogadores são da seleção; porém, por não serem atletas de um clube comunitário, não poderão disputar o Campeonato Brasileiro de Seleções", protesta Eduardo. Existe, ainda o problema de verbas; as vendas de camisetas, sacolas, toucas e maiôs, que eram uma fonte de renda para a AAAUnB, foi desativada por falta de interesse. "Após os JIUnB's vamos pensar nisso. Precisamos levantar todos os custos do projeto e levarmos à reitoria. Não temos perspectivas de quando (e se) conseguiremos atingir nosso objetivo", conclui Wagner.

MARCOS PINHEIRO

Entre amadorismo e dinheiro

A cada dia que passa os programas para o esporte dentro das universidades brasileiras recebem menos incentivo. Com a diminuição das verbas para a educação, o esporte sofre mais ainda, ficando cada vez mais relegado a um plano inferior.

Já não há dúvidas de que competições, como os JUB's (Jogos Universitários Brasileiros), não atraem mais a atenção de atletas como antes faziam. Poucas universidades levam participantes para todas as modalidades. Na maioria das vezes, os melhores atletas não fazem sequer parte da delegação escolhida.

Atualmente, uma universidade não tem condições econômicas de dar um treinamento adequado a um atleta que pretende participar de competições internacionais; como campeonatos mundiais e olimpíadas. Tal situação obriga os atletas a procurarem clubes, empresas e associações que além de treinamento com técnicos especializados, ofereçam também moradia, alimentação e oportunidade de competição com prêmios em dinheiro.

Um exemplo do declínio do esporte universitário foi o desativamento da equipe da GAMA FILHO, uma universidade particular do Rio de Janeiro, que passou a não ver mais o esporte como um bom investimento. Na época seus atletas tiveram que pedir socorro a empresas que já estavam incentivando o esporte. O vôleibol foi a primeira modalidade a mostrar a importância dos recursos econômicos no treinamento de atletas: o nível das competições se elevou e o Brasil passou a figurar como uma das grandes potências do vôlei mundial. No atletismo, o grande exemplo é o SESI de Santo André, afinal de contas, além de ter em sua equipe o melhor maratonista do País, Elói Schleder, conta também com Adayto Domingues (medalha de ouro nos 3 mil metros com obstáculos e de prata nos 5 mil metros no Torneio Pan-Americano de Indianapolis), e Ivo Machado Rodrigues (medalha de ouro na maratona do Pan).

Neste crescente apoio dado ao esporte pelas empresas, as universidades não têm como prender seus melhores atletas a competições amadoras cujo único incentivo é a dedicação de alguns professores e técnicos que ainda acreditam no talento nato de seus estudantes, independentemente de qualquer recurso moderno de treinamento. Uma atitude rara num mundo onde a cada dia fica mais claro que um atleta não se faz só com boa vontade: os recursos financeiros são indispensáveis. Numa sociedade capitalista, não há como desvincular qualquer atividade esportiva do valor monetário de um atleta e da competição em si. Um atleta bem treinado, com tempo e dinheiro para investir na sua carreira futura, tem chance de mostrar seu valor no País e no resto do mundo, participando de torneios onde o ideal do Barão de Coubertin, que dizia "o importante é competir e não vencer", nada mais é do que uma lembrança do passado.

ANDRÉA MORAES

A Caminhada Para Saúde Anda Muito Bem.



Agora, toda segunda às 16:45 hs em frente à biblioteca, você tem um encontro marcado com a descontração: a Caminhada para Saúde. Uma nova mania surgida na UnB para incentivar a consciência e a prática de uma vida mais natural.

Já que aumentam a cada dia os problemas provocados pelo stress, o álcool e a má alimentação, valoriza essa atividade é uma idéia muito saudável, não?

Por isso, se você também acha que em matéria de saúde muitas coisas andam mal, dê o primeiro passo e venha participar.

Afinal, esse é o melhor caminho.

Diretoria de Ação Comunitária - SSC/AER

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES



"A Rádio UnB está em estudos aqui no ministério das Comunicações. O processo está sendo analisado e minha boa vontade para conceder é total. Faltam os estudos técnicos e os aspectos legais".

"Eu sou um progressista"

O ministro das Comunicações do Governo José Sarney, Antônio Carlos Magalhães, 60, baiano de Salvador, formou-se em medicina, foi redator de jornal, mas acabou seguindo uma carreira política que notabilizou um estilo passional e corpulento de defender suas convicções. Começou como deputado estadual pela Bahia em 1954, tendo ainda sido eleito duas vezes como deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN). Em 67 foi indicado prefeito de Salvador, cargo que exerceu até 70. Por duas vezes foi governador biônico da Bahia, consolidando sua imagem de cacique local.

Conspirou contra João Goulart e encontrou perfeita identificação no regime militar, até que na sucessão do presidente João Figueiredo, mudou de camisa e usou sua bagagem política para ocupar um posto chave na Nova República. Com a derrota do seu candidato, Mário Andreazza, na convenção do PDS, ele se recusou a apoiar o nome de Paulo Maluf e liderou a migração dos andreazzistas para Tancredo Neves. Foi quando, em resposta a um duro discurso do então ministro da Aeronáutica Délio de Mattos, que acusou os dissidentes de traidores, ajudou a desanuviar um ambiente tenso por rumores em torno de uma possível intervenção militar.

Nessa entrevista exclusiva concedida ao CAMPUS, Antônio Carlos Magalhães gira sua metralhadora sobre temas polêmicos, analisa o risco de um golpe, critica o ex-presidente Figueiredo, especula sobre os rumos do Governo Sarney e explica a polêmica em torno da rádio UnB.

ele quis fazer um auto-retrato quando redigiu esse manifesto.

Campus: Há riscos de um golpe militar?

ACM: Se eu disser que isso é impossível vou estar faltando com a verdade, mas é muito improvável. O País amadureceu e as Forças Armadas não tem o interesse em tomarem o poder. Mas não devemos abusar desse propósito e tornar o País inviável. E os homens públicos tem a obri-

mulação da justiça, a fim de que ela pudesse dar ganho de causa àqueles canais cujas concessões retiramos para reexame. Assim, tivemos que fazer e estamos fazendo reexames. Alguns casos tem sido favoráveis e outros continuam sendo examinados.

Campus: Qual é a melhor maneira de fazer essas concessões? O Conselho Nacional de Comunicação?

ACM: A melhor maneira seria a que vigora, com objetivo e critérios

Campus: Então, da sua parte a rádio está garantida?

ACM: Não digo que está garantida porque a minha parte é muito ligada a esses organismos. Mas a minha boa vontade para conceder é total.

Campus: O sr. vê com bons olhos rádios e TVs universitárias?

ACM: Vejo, contanto que elas não proliferem demais. Não pode haver rádios demais porque se estará impedindo o público de ter a rádio que ele quer. Mas não vejo empecilho algum.

Campus: Inclusive para a rádio UnB...

ACM: Eu não enxergo nada contra isso.

Campus: E a confusão gerada?

ACM: Não examinaram sequer o número do canal, que nada tinha a ver com o que a universidade estava pretendendo. Eles pensam que o canal foi dado.

Campus: Por que o canal da UnB ainda não saiu então?

ACM: Essa mecânica em relação aos estados é muito mais fácil do que em relação às universidades. Em todos os estados, territórios e mais o Distrito Federal, a legislação faculta que eles tenham sempre uma rádio ou uma televisão. Em alguns casos só podemos dar a rádio.

Campus: Já não existe a Rádio Nacional?

ACM: A Rádio Nacional é da Radiobrás, do governo Federal. Nada tem a ver com o governo do Distrito Federal. São coisas distintas.

Campus: Como o sr. analisa as universidades brasileiras hoje?

ACM: A universidade se transforma na medida em que as gerações

superior fiquem na universidade sem pagar.

Campus: Os recursos públicos devem ir exclusivamente para as escolas públicas?

ACM: Devem ir basicamente para as escolas públicas. Mas o ensino privado não pode ser proibido ou inviabilizado. Nós infelizmente ainda temos a mania de ser o País dos doutores. Aqueles que não tem o curso superior, mesmo muito competentes, não conseguem galgar postos nem na administração nem na empresa privada. Deveria haver algumas coisa anterior ao curso superior que desse um status para as pessoas se desenvolverem também.

Campus: O sr. concorda com a proposta do relator Bernardo Cabral (PMDB-AM) que prevê 18% para a educação?

ACM: Não e não estou de acordo com muita coisa do relatório Bernardo Cabral. Ele próprio não está de acordo por não ser responsável por muita coisa que tem lá, embora seja o relator. Ele foi enxertando de acordo com a hora e a conveniência. O povo brasileiro vai ter uma grande decepção na hora em que ele ver promulgada a Constituição e é tida erroneamente como uma panaceia. Ao contrário, da maneira como ela está sendo feita vai aumentar muito os problemas. Estamos dando benefícios em uma quantidade fora da realidade e não vamos ter receita suficiente para cumpri-los. Vai ser uma frustração muito séria e é preciso muito cuidado com isso.

Campus: Como o sr. vê a imprensa brasileira hoje?

ACM: Eu sou um viado em jornal. Sou um devorador de jornais. Leio todo o dia os jornais. Vejo sempre a imprensa muito bem. Ler um bom jornal é o meu passatempo preferido. Infelizmente, entretanto, perco o tempo de ler bons livros.

Campus: O diploma de jornalismo deve ser obrigatório?

ACM: Jornalismo é uma vocação. Não deve haver exclusividade. Os grandes jornalistas do Brasil nunca passaram por uma escola de jornalismo. Não concordo com a obrigatoriedade do diploma. Fazer jornal é nato. As pessoas nascem ou não nascem jornalistas. Na escola ele pode aperfeiçoar isso.

Campus: Como um devorador de jornais, o sr. enxerga uma censura editorial dos donos dos jornais quanto às notícias que chegam ao público?

ACM: Não, pelo contrário. Acho que os jornalistas fazem mais do que aquilo que os donos desejam. Os jornalistas mandam mais do que os donos.

Campus: O sr. já se aborreceu com alguma notícia a seu respeito que não correspondia à verdade?

ACM: Essa chateação não é diária, mas é pelo menos semanal. Eu engulo e quando o sujeito é meu amigo eu telefono para ele. Continuamos amigos e ele continua recebendo meus "offs" (notícia sem a divulgação da fonte).

Campus: O governo Sarney é acusado de comportar muita gente vinculada ao movimento de 64 e ao regime passado. Rotula-se o governo de conservador. O sr. é um conservador?

ACM: Me considero um homem do meu tempo, sou progressista e demonstrei isso quando governei a Bahia. Lancei uma geração de jovens administradores competentes que estão espalhados por aí. Lancei vários políticos, alguns até meus adversários hoje. Aqui no Ministério das Comunicações, quando eu cheguei, a base era militar. Eu diminuí esse número acentuadamente e hoje existem muito poucos.

Campus: Como tem se portado o atual governador do seu estado, Waldir Pires?

ACM: Eu não trato das coisas da Bahia fora da Bahia, mas o povo baiano não está vendo as coisas bem.

Campus: O sr. planeja vãos políticos mais altos?

ACM: Não, acho que já tive na vida muito mais coisa do que mereço. Quando terminar o governo Sarney eu terei duas alternativas: encerrar a minha vida pública ou me candidatar talvez ao Senado. É uma coisa de que eu gostaria.

RICARDO MIRANDA FILHO E
GIULIANA MORRONE

Campus: A Aliança Democrática, na prática, já não existia há algum tempo. Então qual o objetivo do PFL ao denunciar o fim dessa Aliança?

ACM: É verdade. Se não existia na prática, não tinha porque estar no papel. Foi um movimento importante para a vida do País, marcou uma época com a eleição de Tancredo e Sarney e legitimou o Colégio Eleitoral.

Campus: A Aliança terminou devido a uma luta por cargos no governo?

ACM: Pode ter sido a última gota. Mas nada acontece sem que haja antecedentes, tudo isso vinha fermentando. Então, o Aureliano Chaves e o Marco Maciel resolveram que era melhor extinguir logo, já que não havia a necessária convivência harmoniosa entre os nossos correligionários e o PMDB.

Campus: Que qualificações devem ter os novos ministros de Sarney?

ACM: O presidente escolhe os ministros conforme sua confiança, levando em conta a lealdade e a competência. Deve ser uma — equipe homogênea e que só tenha compromissos com ele e com a Nação.

Campus: Como vai a coleta de assinaturas de parlamentares do PFL de apoio ao presidente Sarney?

ACM: É um êxito absoluto. Mas esse documento não é para dividir, é para somar. Uma maioria que seja ouvida no partido. O que acontece no PFL, às vezes, e sempre no PMDB, é que a cúpula decide sem saber o sentimento das bases.

Campus: O PFL corre o risco de uma ruptura?

ACM: Não, porque quem está à frente desse documento sou eu, quem toma as assinaturas sou eu e eu não desejo o rompimento. Ao contrário, desejo fortalecer com isso o presidente do PFL Marco Maciel.

Campus: Mas ele não assinou o documento.

ACM: Não e acho até que ele é contra. Se ele pudesse até impediria as assinaturas. Mas é um documento das bases e que não visou ferir o senador Marco Maciel. As discordâncias são normais.

Campus: A busca de assinaturas individuais e não partidárias revela o fato dos líderes não estarem mais representando seus partidos?

ACM: Não. Se o presidente pede para se livrar de quaisquer elementos que estejam emperrando a sua atuação, fica muito individual aceitar ou não. Não se fere os partidos na medida em que todos assinem o documento.

Campus: Há uma reforma partidária em curso?

ACM: Após a Constituinte é possível que haja porque não há partido no Brasil onde não haja desconfortos, sobretudo no PMDB, que está cheio de frentes. Quem é maior geralmente perde mais.

Campus: E no PFL?

ACM: No PFL as crises são muito superficiais. No PMDB são mais profundas, porque são sempre ideológicas. O PFL não tem nenhum compromisso com a demagogia.

Campus: O deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG) afirmou que o PFL não deixa o Governo porque tem forte "vocação governista".

ACM: Todo partido que não tiver vocação governista é um partido suicida. Chegar ao governo é um dever de todos os partidos e sair do governo só quando o povo não quiser mais. Estamos no governo porque elegemos uma grande bancada. O deputado Bonifácio de Andrada, que já foi governo muito tempo, pode ter suas saudades.

Campus: E vocação sarneista, o PFL tem?

ACM: O presidente Sarney tem se portado dignamente, com a maior decência, dando ao cargo a dignidade que ele havia perdido em virtude do seu antecessor não levar muito em conta essas coisas. É um crédito que o presidente Sarney tem. É necessário que deixem o homem trabalhar, sem ficar preso a falsos compromissos.

Campus: O PMDB está deixando o presidente governar?

ACM: Francamente, o PMDB algumas vezes atrapalha. Eles podem achar do mesmo modo que o PFL é que atrapalha, o que é uma coisa natural na política.



"O ex-presidente Figueiredo deu uma demonstração de pouca saúde mental e falta de credibilidade"

Campus: O ex-presidente João Figueiredo divulgou no último dia 14 um documento em que critica duramente o governo Sarney. Quais são as intenções dele?

ACM: Confesso que nem é bom falar sobre as pessoas que pediram para que as deixassem em paz, que o povo já o esqueceu. Mas ele está arrependido do que disse e quer aparecer a todo custo. Está dando uma demonstração de pouca saúde mental. Ele não tem nenhuma vocação para comando e isso ele mostrou como presidente. Não pode sequer estar comandando alguma coisa contra o governo. Falta-lhe credibilidade. Tenho a impressão que

gação de viabilizá-lo. O pronunciamento referido foi isolado.

Campus: E as articulações de alguns civis e militares ligados ao último governo, envolvendo nomes como o do ex-ministro Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica?

ACM: Entre Délio e Figueiredo, não sei qual dos dois está pior.

Campus: No início desse governo, o sr. criticou muito os métodos de concessões de canais de rádio e TV utilizadas pelo último presidente. O que foi feito em termos de revisão?

ACM: Houve um parecer do consultor Darcy Bessone que impediu o meu ato de anular todas essas concessões. Ficamos dependendo da for-

tratados pelo Congresso. Nós seríamos cumpridores dos critérios estabelecidos pelo Congresso.

Campus: Foi negada a concessão de um canal de rádio para a UnB?

ACM: Não. Está em estudos aqui no ministério. Houve uma bruta confusão, pois pensaram que o canal havia sido dado para o governo do Distrito Federal. Mas o processo está aqui sendo estudado.

Campus: Qual é a viabilidade?

ACM: A minha boa vontade é enorme. Faltam os estudos técnicos e os aspectos legais. No momento que esses dois pontos ficarem convergentes para que eu possa proceder, não há dúvida que eu procederei,

também vão se transformando. A universidade do meu tempo é bem diferente da universidade do seu tempo.

Campus: Há uma intenção não revelada do governo de promover uma gradativa privatização do ensino?

ACM: Sou por ambas as universidades, pública e privada. Mas na hora que formos fazer as contas, veremos que infelizmente os alunos das universidades públicas saem muito mais caros. Temos que democratizar o ensino para que o povo tenha acesso à universidade, seja pública ou privada. O que não se compreende é que pessoas que podem pagar o ensino

Campus

2ª Quinzena de outubro de 87 — nº 108

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES

Ministro quer dar rádio à UnB

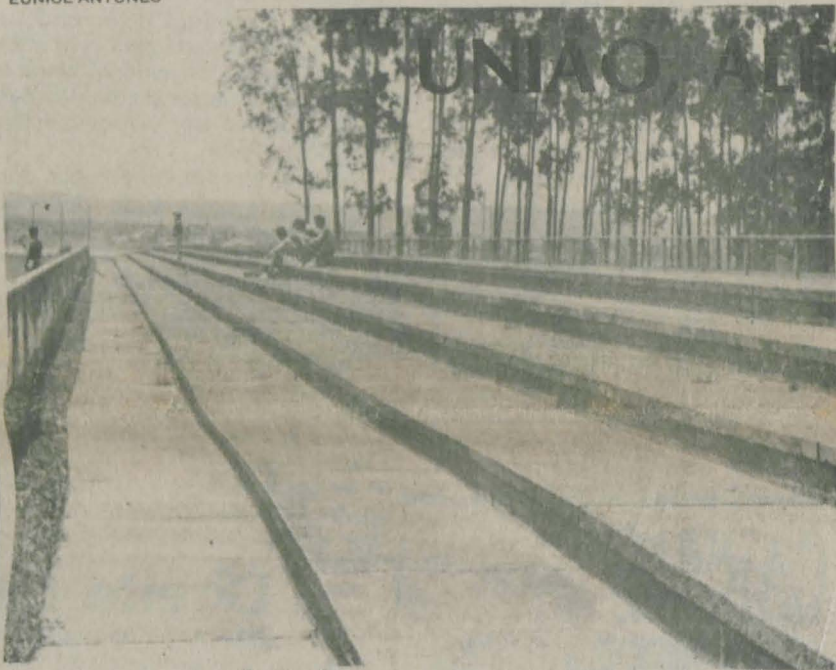
"A minha boa vontade de conceder a rádio UnB é total". Essa frase soa surpreendentemente vinda do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, sempre tido como um obstáculo a essa pretensão da comunidade universitária. Esse e outros temas polêmicos são tratados em entrevista exclusiva. (Pág. 8 e opinião pág.2).

HUGO SULZ

Campus
UnB caça picaretas



EUNICE ANTUNES



Arquibancadas vazias, gritos esporádicos e nem um som de batucada. Empolgação só em campo

PAULO PANIAGO



Durante os jogos, a descontração dá lugar à raça e à garra. Tudo sempre em busca da vitória

UNIAO ALLEGRIA E DESCONTRAÇÃO

JIUnB's

Os jogos internos estão agitando a universidade. É uma pena que a empolgação dos jogadores não seja correspondida pela torcida que tem aparecido muito pouco. Acompanhe aqui alguns destaques da primeira fase. (Pág. 7)

Nem sempre por amor ao esporte

As competições universitárias já não despertam o interesse dos atletas. Como não há dinheiro para patrocinar os treinamentos e a boa preparação física, eles acabam trocando o esporte amador pela

profissionalização. E, enquanto os clubes e empresas aumentam o incentivo ao esporte, os jogos universitários estão a cada ano mais fracos... Quem sai perdendo nessa história? (pág. 7).

Sadi: Reitoria escolheu o canal errado

No rastro dos debates levantados pela matéria "Caça aos picaretas", Sadi dal Rosso, presidente da ADUnB, adverte: "A Reitoria escolheu o canal errado e esta atitude pode levar a uma caça às bruxas". E o professor Antonio Ibanez, da Engenharia Mecânica, acrescenta: "Pode se instalar um clima de terror entre os professores". Págs. 2 e 5

Diretor: Caso TEL não passa de equívoco

Enquanto a comissão instaurada pelo Decanato de Pós-Graduação não apresenta um parecer sobre possíveis irregularidades no Departamento de Teoria da Literatura, a polêmica continua. João Ferreira, diretor do Instituto de Expressão e Comunicação, diz que "tudo não passa de um conto do vigário" e que o professor Rinaldes de Melo não tem habilitação legal para lecionar no curso de mestrado. Pág. 5

F E S T I V A L

Brasília no escurinho do cinema

O 20º Festival de Brasília retoma o brilho de anos anteriores e o público respondeu lotando o Cine Karim. A presença de longas marcantes, como "Anjos da Noite" e "Leila Diniz", o contra-ataque dos curtas, os debates no Hotel Nacional são uma das causas da recuperação. Uma grande questão atravessou o evento: com tantos festivais pelo País, qual deve ser a "cara" deste? Veja na página 6.



Ricardo



LUCIANA DE FRANCESCO

Festival de Brasília: Os filmes fazem a festa

O Cine Karim todo reformado, de tela nova italiana e projetores de lâmpada Xenon. Canhões de luz dentro do cinema e um casal de apresentadores brincando com o público. Gente, muita gente, lotando a sala e fazendo a maior festa. Qualquer dúvida, está no Aurélio: festival quer dizer grande festa.

Marco Antônio Guimarães, um dos organizadores do 20º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, não hesita em dizer que este é o ano do renascimento. Títulos importantes na mostra competitiva em 35mm, um amplo painel da realidade nacional na bitola 16mm, abrangendo das bruxas de SC a um retrato de Olinda, garantem a presença do público. A programação se completa com o Festivalzinho, este ano homenageando Maurício de Souza, debates com os realizadores e uma mostra de cinema latino e de expressão portuguesa.

Mas ele se queixa da eterna falta de verbas, "que impossibilitou a realização dos encontros de cineclubistas e pesquisadores, eventos que ajudam a caracterizar o festival como de trabalho, de reflexão. E esta discussão acaba resvalando para a política, dada a proximidade com o poder que a cidade oferece".

A importância da busca de um perfil para o Festival se explica pela proliferação dos festivais no País. Em Brasília, os participantes do Forum de

Organizadores de Festivais Brasileiros de Cinema se reuniram para discutir, entre outras coisas, a elaboração de um calendário que compatibilize as datas, procurando até aproveitar as mais significativas para render homenagens ao cinema brasileiro. Este calendário e uma visão conjunta dos festivais, que inclui dados estatísticos, serão divulgados no Festival.

Pedro Jorge de Castro, representante da Embrafilme no Forum, diz que no Festival as discussões vão se dedicar aos festivais isoladamente, tentando dar uma "cara" para cada um deles. "Eu penso que o caminho para isso passa pelas atividades paralelas. Brasília faz o encontro de pesquisadores, Gramado o de críticos e autores de trilhas sonoras, em Fortaleza são os roteiristas. O curta assegurou seu espaço na Bahia e no Maranhão, enquanto no RioCine as discussões sobre mercado são tradicionais" completa ele.

Este raciocínio se reflete na seleção da mostra em 35 mm, que resgatou a força de anos anteriores. Wilson Barros trouxe seu premiado "Anjos da Noite", apresentando uma linguagem de rupturas, o filme fragmentado espelhando a fragmentação da noite. Para ele, a mostra é sobretudo heterogênea, seis filmes com propostas próprias e completamente diferentes entre si.

João Batista de Andrade faz a síntese: "A pequena produção não permite uma seleção estilística para os filmes. É natural que sejam obras com propostas diferentes". Participando pela quarta vez do Festival, ele defende a politização através de debates e encontro de entidades de classe. E a política é o pano de fundo de seu filme, "O País dos Tenentes", onde um atormentado general da reserva, remanescente dos movimentos tenentistas, vive uma profunda crise existencial, vendo a frustração de seus ideais. João Batista fez um filme de imagens apuradas, com a forte presença de Paulo Autran no elenco.

Hermano Penna, que rodou seus primeiros curtas em Brasília, destaca também a importância cultural do Festival para a cidade, o contato que se estabelece entre público, imprensa e colegas. Ele aponta a produção escassa como culpada pela repetição de filmes nos festivais e anuncia idéias e encontros com ministros para discutir a distribuição no interior e exterior. "Fronteira das Almas", seu filme, foi rodado na Amazônia e trata da questão agrária. Suzana Gonçalves, ex-atriz de tv, volta a atuar depois de muitos anos longe das telas, num filme que não faz denúncia, e sim busca a emoção.

Os curtas esbanjaram criatividade, mostrando a revalorização do gênero e provocando reações na platéia du-

rante a exibição. Ana Maria Magalhães, que em "O Bebê" contou com muito brilho a história de uma louca relação entre mãe e filho, aposta no curta e destaca seu caráter de escola. Fred Confalonieri, que agradeceu bastante com sua visão bem humorada da marginalidade em "Churrascaria Brasil", atribui a maior qualidade a um amadurecimento dos curta-metragistas. Ambos querem partir para o longa.

Carla Camurati estreou na direção com "A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal" e mostrou talento. Com excelente acabamento formal e tentando soluções novas na linguagem, o filme ilustra a volta à ficção e a produção bem cuidada que estão fazendo o curta voltar a ser curtidor.

O 20º Festival de Brasília refletiu um momento fértil do cinema nacional, de alto nível de produção, que trouxe de volta o público. Caminha para ter um perfil político, de reflexão para uma classe que cada vez mais se pensa como indústria. Por isso, foi também uma grande festa, de clima dinâmico e criativo, instantes de poesia marcada a luz nos fotografias. Mas venha o próximo! Até lá, é ver ou rever estes filmes quando entrarem no circuito exibidor da cidade. Afinal, o cinema é um festival!

LUIZ PIU



Louise Cardoso revive Leila em grande atuação

A Vida Segundo Leila Diniz

Quinze anos após a sua morte, Leila Diniz reaparece, arrastando 60 mil pessoas para as 10 salas de projeção, no Rio de Janeiro, logo na primeira semana de exibição. Quem cita esses números com bastante satisfação é Luiz Carlos Lacerda, diretor do longa que leva o nome da atriz, participante do 20º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

O projeto do filme começou a ser pensado somente dez anos após a explosão do jato que trazia Leila da Austrália, matando muito precocemente a nossa "revolucionária sem bandeira". "Só depois desse trabalho é que eu pude perceber as mudanças que vieram em consequência de Leila", diz Luiz Carlos. "Eu vi que a mulher e o homem brasileiro mudaram. Leila democratizou a sexualidade, a linguagem. Hoje a mulher fala sobre sexo abertamente, e foi Leila que começou com isso".

"Bigode", como Luiz Carlos é chamado hoje, foi amigo íntimo de Leila Diniz desde os treze anos, e acompanhou a carreira da atriz até momentos antes de sua morte. Foi a participação do seu filme, estrelado por ela, num festival na Austrália, que os levou aquele país, sem trazê-la de volta. Para assisti-lo na direção, Bigode chamou Eduardo Mascarenhas, que estendeu sua participação a alguns toques no roteiro. Cacá Diniz, o produtor, que não é parente de Leila, começou a trabalhar com a ajuda de três mulheres: Inês Bloch, Lúcia Almeida Braga e Ana Lúcia Magalhães Pinto. A partir daí Bigode saiu juntando os cacos de suas memórias com os amigos em comum, e com a preciosa ajuda de Ligia Diniz, irmã de Leila.

O filme é de uma narrativa leve e gostosa. Algumas vezes arrisca uma tirada cômica mais pertinente ao roteiro do que à vida da atriz propriamente. A mitificação do personagem é uma consequência até normal quando se trata de uma produção desse tipo, mas o tratamento dado ao filme vai muito para este lado. Coloca personalidades marcantes que passaram pela vida de Leila relegados à uma posição superficial e secundária para ela, como Domingos de Oliveira e Toquinho, por exemplo. Essa caracterização nonsense costura todo o filme, junto com uma imagem e som bem apurados.

Esta posição de Bigode se torna mais perigosa quando ele se refere ao Cinema Novo: hippies viajando em LSD, sem a menor idéia do que estão fazendo. O fato dele ter sido um cineasta atuante neste período não necessariamente implica nele ser da mesma escola, mas lhe dá credibilidade junto aos menos avisados. Glauber deve ter se virado pela milionésima vez em seu túmulo.

O mais importante é que exista um documentário sobre Leila Diniz. Uma vida meteórica, mas cheia de coragem e autenticidade, que muitas portas abriu para as mulheres e homens de sua geração, e das seguintes. A sua força jovem e revolucionária é ainda contemporânea, e toca fundo os espectadores, mesmo sendo 90% deles de uma idade que não lhes permite nem mesmo saber quem foi esta mulher. Provas disso são as cartas deixadas por adolescentes com os funcionários dos cinemas aonde o filme é exibido. Para Luiz Carlos, o Bigode, este é o maior retório.

À noite os anjos têm sexo

Anjos da Noite, filme de Wilson Barros, não precisava do Festival de Brasília, conforme afirmou seu próprio diretor. Já ganhou em Gramado e aproveitou bem a chance de divulgação pela imprensa nacional. Encabeçado por uma das constelações mais consagradas do Brasil (Marília Pêra, Antonio Fagundes, Marco Nanini e Zezé Motta), o filme mostra a noite paulistana como personagens típicas desse cenário.

De dia eles trabalham, fim de tarde, eles armam a grande jornada noite adentro. De manhã dizem qualquer coisa para se livrarem de uma pré-suposta culpa.

Intelectuais, starlets, travestis, micheis, corruptos, libertários e vanguardistas, que às vezes nem se encontram, formam um painel fragmentado, onde acontece uma peça de teatro, um filme, um crime, uma performance, uma pesquisa, "cheiração" de pó e muito sexo. Quem não

aparece transando, pelo menos diz que gosta.

O filme é um filme, é um filme, é um filme. Numa das gags mais interessantes, a personagem de Marília Pêra, ao se cansar de procurar um táxi, propõe para o seu garoto fecharem os olhos e fingirem que estão no cinema.

Corta. Aparecem os dois acendendo a luz do apartamento dela, bem safadinhos.

Infelizmente o público do Festival de Brasília não pôde ver essa magia, porque este rolo veio com as partes trocadas. Culpa da Lider.

Marília Pêra deveria participar "hors concours" nos festivais.

Wilson Barros fez o filme, que era o que ele mais queria, estudou para isso, e ganhou pela primazia de um primeiro grande trabalho nada precoce.

PAULO CABRAL*

MARMELADA? fantasma dos festivais

Todo festival que se preze traz consigo um fantasma, a famosa "marmelada". Afinal, uma premiação nunca agrada a todos, e os perdedores sempre encontram argumentos para serem usados contra os jurados. E o Festival de Brasília? Há marmelada aqui? Já houve algum caso público e notório de "armação" para dar a vitória a algum filme?

Segundo a jornalista Maria do Rosário Caetano, "injustiças em festivais vão acontecer enquanto o mundo for mundo". Ela aponta pelo menos duas vitórias questionáveis, e por coincidência, as duas envolvendo o cineasta David Neves. A primeira vez em 1969 quando seu filme Memórias de Helena derrotou Maculnalma, de Joaquim Pedro de Andrade, um dos filmes mais importantes do cinema brasileiro. Nem precisa dizer porque foi uma vitória questionável, basta perguntar às pessoas quem já viu Maculnalma e quem já assistiu Memórias de Helena.

Dez anos depois, David Neves repetiria a dose ao vencer com o filme Muito Prazer, dois grandes filmes, Prata Palomares e País de São Saruê, o documentário mais importante de Wladimir de Carvalho. Ao ser perguntado sobre esse episódio, Wladimir respondeu que certos resultados, ao longo da história do Festival de Brasília, derivaram mais da linha de pensamento e do comprometimento dos jurados com setores do governo do que de alguma "armação" premeditada.

Essa parece ser a opinião da maioria das pessoas que já se envolveram com o Festival de Brasília. O cineasta

Pedro Jorge, idealizador e diretor do Festival de Cinema de Fortaleza, garante que o Festival de Brasília é um festival sério, mas ressaltou que os jurados sempre sofrem pressões na hora da premiação. "Há pressões para premiar e para não premiar um filme, e essa é a pior forma de pressão porque age como a censura, regulando o que deve e o que não deve vencer". Em 1980, por exemplo, o Itamarati fez um "lobby" em favor de Eduardo Escorel, que concorria com o filme Ato de Violência. Os tempos já eram outros e os jurados também, e a balança acabou pesando para o lado de Jorge Bodansky, vencedor do ano com Iracema. Mas esse é um caso a parte, porque normalmente as pressões são efetivas, e ocorrem em todos os festivais. E qual seria a forma de evitar essas articulações dos bastidores? Pedro Jorge apontou o exemplo do Festival de Fortaleza, que se utiliza de jurados anônimos, selecionando apenas os filmes a serem exibidos. Todos os filmes recebem o Troféu Iracema, e saem todos vitoriosos.

Maria do Rosário Caetano também coloca uma questão. Por que concentrar a premiação em um só filme se pode haver uma distribuição mais abrangente? Isso aplacaria um pouco a ira dos mais exaltados e talvez evitasse as discussões. Mas a verdade é que toda escolha é dolorosa, porque implica em eliminar uns e privilegiar outros, e ninguém gosta de perder em um país onde para montar um filme é preciso fazer das tripas coração.

HÉLIO FRANCO



Ana Maria Magalhães, Marco Altberg e Pedro Jorge de Castro participam de um debate. O Festival busca um perfil político pela via da discussão.

Cineastas se ajudam em Sampa

O novo cinema paulista não tem uma identidade, apesar de seus filmes terem alguns pontos em comum, dentre eles a repetição de alguns nomes na maioria das fichas técnicas. Um exemplo disso pode ser encontrado no 20º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, onde o nome do Chico Botelho, diretor do filme Cidade Oculta, "hors concours" do festival do ano passado, aparece como produtor de um curta, fotógrafo de outro, câmera de um longa, além de estar presente em várias listas de agradecimentos.

Segundo o próprio Chico Botelho, essa constância dos nomes nos filmes paulistas se dá por causa de elementos comuns na formação desses cineastas. O principal fator dessa integração é a própria escola de onde saíram: a ECA, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde se encontravam para discutir o cinema e acabaram formando

uma associação da classe, a APACI, Associação Paulista de Cineastas.

Hoje, a maioria desse pessoal da ECA, já na faixa dos 30/40 anos, têm suas pequenas produtoras, que ficam próximas uma das outras, na Vila Mariana, S.P. Dessas produtoras saíram filmes como O Olho Mágico do Amor, o Caminho das Índias, Janete, Marvada Carne, Cidade Oculta, etc.

Esses filmes não têm nada a ver entre si, não formam um movimento como o Cinema Novo, assim como não têm uma proposta estética. Segundo Wilson Barros, diretor do longa Anjos da Noite, o que se estabeleceu foi uma proposta política, de fortalecimento da classe e ajuda mútua, como por exemplo, quando sobra magnético de um filme, o cineasta passa para outro, e sobrando desse, também passa para outro, o que acaba barateando as produções.

Outro ponto em comum na produção paulista é o apuro técnico dos fil-

mes, primando sempre pela fotografia, cenografia, montagem e som. Essa produção é consequência da própria formação/geração, já que saíram de uma escola que teve os melhores equipamentos de São Paulo para um espaço dominado pelo Cinema Novo, onde valia a idéia na cabeça e a câmera na mão. "Não temos nenhuma relação edipiana, nem mesmo com a Vera Cruz", afirmou Wilson Barros.

Nem por isso formou-se um gueto do pessoal da ECA. Já que não existe uma proposta ideológica, militante, de como fazer cinema, houve a aproximação com cineastas de outras formações/gerações, como João Batista de Andrade, Hermano Penna, Denoy de Oliveira e outros, que com a APACI garantiram o espaço no cenário do cinema brasileiro.

PAULO CABRAL

● Seria uma loucura dizer que Festival de Cinema em Brasília não dá pé. Este é o vigésimo. O Festival de Brasília deve continuar acontecendo porque é um incentivo a todas as pessoas que fazem cinema e é muito bom para o público de Brasília, que está sempre carente de realizações culturais. Falhas são normais, sempre acontecem.

Paulo Autran — ator

Ésio Pires, escritor e jornalista

● Brasília recebe bem os filmes e as pessoas envolvidas neles. Estes problemas de exibição, como a troca de ordem dos rolos de alguns filmes, são coisas normais que podem acontecer em qualquer festival. O que eu achei ótimo aqui em Brasília é que o povo protestou, tomou uma posição e o filme que sofreu problemas na sua exibição será repetido. E isto é bárbaro!

Carla Camurati — atriz e diretora.

Em busca do fôlego perdido

A lei de reserva de mercado para os curtas se mostrou uma fada de dois gumes. Por um lado ela assegurava 2/3 do mercado exibidor, mas por outro lado acabou por levar este mercado a produzir sem qualidade para cumprir a lei. O curta ficou chato. Perdeu a criatividade, abandonou a experimentação. Burocratizou-se.

Mas não foi isso que se viu em Brasília. "Churrascaria Brasil", de Fred Confalonieri, é um exemplo. Trazendo personagens marginais, pívets de um morro do Rio, o curta conta a admiração deles pelo bandidão e sua vontade de ser como ele. Para isso tentam um assalto na churrascaria onde um deles trabalha. A narrativa humorada mostra as peripécias do grupo e tem um final surpreendente, evitando o maniqueísmo e as mensagens definitivas.

Ana Maria Magalhães também se destacou com "O Bebê", tratando da complicidade mágica entre os recém-nascidos e suas mães. Um bebê que começa a falar aos dois meses, lê Shakespeare e Joyce, mas que compartilha esse segredo apenas com a mãe. O contraponto se dá através da

relação entre a avó e a mãe do bebê, de onde a diretora tira situações engraçadas. Ana Maria encara e vence o desafio de dirigir uma criança de apenas 60 dias, que acaba se destacando num elenco basicamente feminino, já que o filme não se propõe a tratar do que rola entre o pai e o bebê.

É também assinado por uma mulher outro curta que arrancou aplausos. Carla Camurati trouxe uma paródia de conto de fadas, onde uma lixeira se transforma numa linda starlet mas paga um preço por isso. No final, ela se apaixona por um gal, mistura alucinada de Elvis com Zé Bonitinho, e tem uma grande surpresa. Jogando com os mitos e a utilização por eles dos mídia — a TV é elemento importante no filme, Carla fotografou em preto e branco e buscou uma linguagem própria, utilizando muita música e até aquelas cartelas de filme mudo. Promissor: ela estréia na direção com este "A Mulher Fatal Encontra o Homem Ideal".

LUIZ PIU



Fred Confalonieri durante as filmagens de "Churrascaria Brasil". Afinado no ritmo de produção e gingando com humor, o filme agradeceu.

Os Jogos Internos estão dando um novo colorido ao Centro Olímpico da UnB, numa festa de integração entre alunos de todos os departamentos.

Mesmo com os problemas de organização, o pessoal da AAAUnB está confiante, com planos inclusive de fundar um clube próprio, atendendo às exigências de seus atletas.

JUnB'S

Entre amadorismo e dinheiro

A cada dia que passa os programas para o esporte dentro das universidades brasileiras recebem menos incentivo. Com a diminuição das verbas para a educação, o esporte sofre mais ainda, ficando cada vez mais relegado a um plano inferior.

Já não há dúvidas de que competições, como os JUB's (Jogos Universitários Brasileiros), não atraem mais a atenção de atletas como antes faziam. Poucas universidades levam participantes para todas as modalidades. Na maioria das vezes, os melhores atletas não fazem sequer parte da delegação escolhida.

Atualmente, uma universidade não tem condições econômicas de dar um treinamento adequado a um atleta que pretende participar de competições internacionais, como campeonatos mundiais e olimpíadas. Tal situação obriga os atletas a procurarem clubes, empresas e associações que além de treinamento com técnicos especializados, ofereçam também moradia, alimentação e oportunidade de competição com prêmios em dinheiro.

Um exemplo do declínio do esporte universitário foi o desativamento da equipe da GAMA FILHO, uma universidade particular do Rio de Janeiro, que passou a não ver mais o esporte como um bom investimento. Na época seus atletas tiveram que pedir socorro a empresas que já estavam incentivando o esporte. O voleibol foi a primeira modalidade a mostrar a importância dos recursos econômicos no treinamento de atletas; o nível das competições se elevou e o Brasil passou a figurar como uma das grandes potências do vôlei mundial. No atletismo, o grande exemplo é o SESI de Santo André, afinal de contas, além de ter em sua equipe o melhor maratonista do País, Elói Schleder, conta também com Aduato Domingues (medalha de ouro nos 3 mil metros com obstáculos e de prata nos 5 mil metros no Torneio Pan-Americano de Indianapolis), e Ivo Machado Rodrigues (medalha de ouro na maratona do Pan).

Neste crescente apoio dado ao esporte pelas empresas, as universidades não têm como prender seus melhores atletas a competições amadoras cujo único incentivo é a dedicação de alguns professores e técnicos que ainda acreditam no talento nato de seus estudantes, independentemente de qualquer recurso moderno de treinamento. Uma atitude rara num mundo onde a cada dia fica mais claro que um atleta não se faz só com boa vontade: os recursos financeiros são indispensáveis. Numa sociedade capitalista, não há como desvincular qualquer atividade esportiva do valor monetário de um atleta e da competição em si. Um atleta bem treinado, com tempo e dinheiro para investir na sua carreira futura, tem chance de mostrar seu valor no País e no resto do mundo, participando de torneios onde o ideal do Barão de Coubertin, que dizia "o importante é competir e não vencer", nada mais é do que uma lembrança do passado.

ANDRÉA MORAES

Jogos Internos agitam a UnB

Para os frequentadores mais desavisados do Centro Olímpico, deve parecer estranha a agitação que vem ocorrendo por lá nestes últimos dias. Ao número costumeiro de usuários, têm se misturado diversos "atletas", com bolas e raquetes na mão. A velha "Cantina do Baiano" está quase sempre cheia, os campos de futebol e as piscinas ficam lotadas, sobretudo nos finais de semana. Nas pistas de atletismo, ainda não tão ocupadas, treina-se. E a movimentação no C.O. se estende também durante a semana, no período do almoço ou à noite, a partir das 18 horas. Esta empolgação deve-se à realização dos Jogos Internos da UnB (JUnB's), que está dando novo ânimo à Universidade, quebrando a monotonia da rotina de aulas.

Com duas semanas de competições, os JUnB's vão definindo os primeiros classificados. Alegria de uns, que passaram para a segunda fase, e ainda têm esperança de medalha; tristeza de outros que, estão fora da disputa. Alguns esportes, como judô, karatê, atletismo e natação, estão por iniciar suas provas. E nem sempre os mais cotados são os que vencem: o triatlon, competição que exige do atleta grande resistência e regularidade nas três modalidades (nos Jogos, constitui de 350 metros de natação,

9.500 de ciclismo e 2.400 de corrida), tinha como favorito os alunos da Educação Física, só que o ouro ficou com Leandro, da Engenharia Florestal.

Não há dúvidas, no entanto, que são os esportes coletivos que estão agitando mais esta primeira fase dos JUnB's. Disputas acirradas têm se verificado dentro dos campos de futebol, gerando até fatos lamentáveis como o que ocorreu no jogo entre Direito e Arquitetura, quando os jogadores Leonardo e Roger, se envolveram numa briga que poderá lhes valer os Jogos. Para resolver casos como este ou outros recursos pendentes, a AAAUnB instituiu uma Comissão de Justiça, composta por três membros (um professor, um aluno e um funcionário). E por falar em funcionário, foi a equipe da ASFUB que dominou a primeira fase, goleando a Administração e a Comunicação. Na parte feminina, Educação Física e AMAE devem ser as finalistas. No vôlei masculino o equilíbrio de forças é grande: aos virtuais favoritos Educação Física (campeã em 86) e Engenharia Elétrica, somam-se as boas equipes da Física, da Mecânica, da Agronomia. No feminino, a Educação Física provavelmente manterá o título. A Matemática/Estatística, com uma equipe de grande estatura, é a

mais cotada no basquete masculino. No handebol e pólo aquático, a Educação Física é a favorita. E, finalmente, no tênis, Luís Otávio Chabalgóy, da Economia pode "abalar" o atual campeão Thomas Motta, da Educação Física.

Se por um lado o comparecimento de atletas é grande, o mesmo não pode ser dito quanto às torcidas. Sua presença é rara, sobretudo duante a semana. Os horários apertados da hora do almoço e a dificuldade de acesso ao C.O. à noite para aqueles que não possuem transporte próprio, contribuem para este fato. "Nós da AAAUnB entendemos que a hora do almoço não deveria ser sacrificada, e a noite é para se descansar; fazer os JUnB's só nos fins de semana dispersaria o pessoal, devido à longa duração; o ideal seria parar a UnB por três semanas, para realizar os Jogos. Deve haver uma sensibilização que o esporte também é importante", justifica "Wagner Mesquita, membro da Comissão Administrativa. "É fundamental que todos os Centros Acadêmicos participem. A falta de mobilização de alguns é que impediu que os JUnB's fossem ainda melhores", conclui Eduardo Araújo, diretor de handebol dos Jogos.

MARCOS PINHEIRO

PAULO PANIAGO



A saudável confraternização dos atletas do handebol depois de uma disputada partida pelos Jogos Internos.

Você sabe o que significa AAAUnB?

Criada para promover o esporte dentro da UnB a Associação Atlética Acadêmica da Universidade de Brasília (AAAUnB) é muito comentada, porém, poucos alunos sabem o que isso significa. A sigla pode soar estranha aos ouvidos, como também era o FLAAC mas, assim como foi o Festival, em termos de divulgação cultural, a Associação tem papel fundamental no nosso desporto universitário.

Com sede no Centro Olímpico, a Associação é constantemente confundida com o Departamento de Educação Física. "Assim como o C.O., nós somos de toda a Universidade", explica Eduardo Araújo, membro da atual diretoria. "Acho que é um pouco falha nossa não nos preocuparmos em desvincular esta imagem, mas o excesso de compromissos nos dificulta" completa Wagner Mesquita, diretor-tesoureiro. Composta somente por alunos, a atual gestão da AAAUnB conta com sete componentes: o presidente Roberto Tadeu Ramos (o "Bat-girl", como é conhecido), ex-aluno da Educação Física, hoje cursa nutrição; a secretária Sílvia Macedo, estudante de Comunicação; o diretor-tesoureiro Wagner Mesquita, do Desenho. "Estes são os três cargos eletivos. Qualquer substituição só poderá ser feita mediante Assembleia Geral", explica Wagner. Para completar a composição, o diretor-técnico é o aluno Hermany Batista; o diretor de marketing, Márcio Rogério; o diretor de patrimônio Eduardo Araújo e, finalmente, o diretor de divulgação Mário Vinícius Costa, do Departamento de Comunicação, um dos articuladores do boletim informativo dos JUnB's.

Em 1988 haverá novas eleições para a AAAUnB, no mês de março ou abril. A preocupação pela definição de uma política de esportes dentro da Universidade é de toda a diretoria. "O Departamento de Educação Física deveria tomar a iniciativa, mas falta-lhes recurso humano. As Práticas Desportivas, por exemplo, além de não deverem ser obrigatórias, não podiam ser dever do departamento,

MARCOS PINHEIRO

EUNICE ANTUNES



A organização atenta para os detalhes de cada jogo.

PAULO PANIAGO



Um arremesso decisivo no basquete dos IV JUnB's

EUNICE ANTUNES



A presença de crianças deu uma nova imagem ao C.O.

D E S T A Q U E

Médicos e juízes em campo

A primeira fase dos Jogos Internos da UnB vai chegando ao fim em quase todas as modalidades. Os destaques que apareceram até aqui não foram poucos: boas atuações individuais e coletivas em todos os esportes, a falta de um incentivo maior por parte das torcidas, a busca da vitória em todos os momentos... Mas para que tudo esteja correndo com tranquilidade, duas peças importantes da infra-estrutura da competição vêm cumprindo muito bem os seus respectivos papéis: a equipe de arbitragem e o serviço médico.

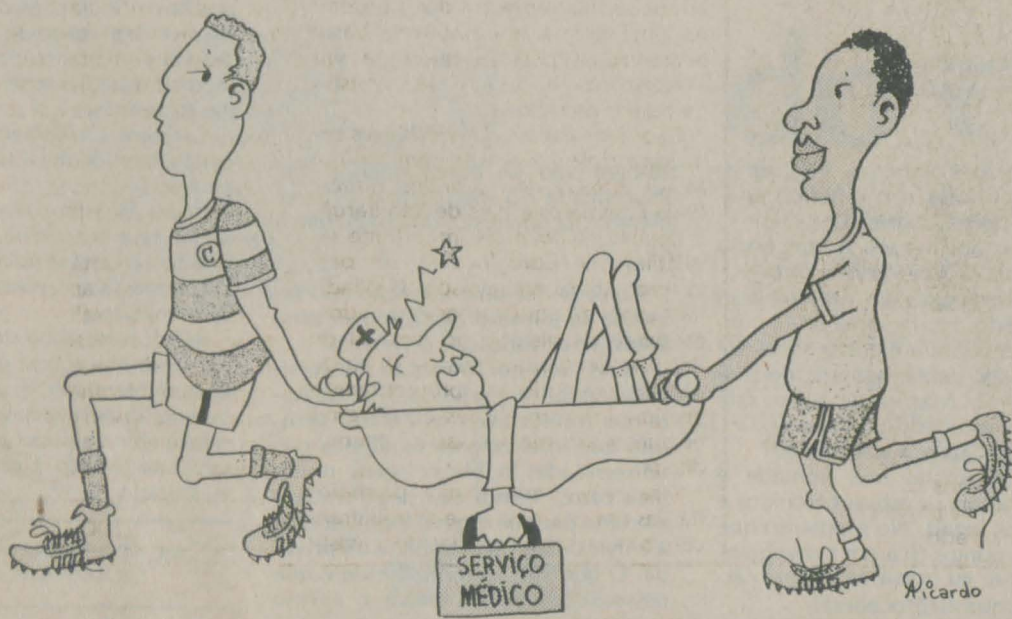
Durante as reuniões de organização dos jogos, foi solicitado aos Centros Acadêmicos que enviassem listas de alunos que poderiam participar compondo o quadro de árbitros. Infelizmente, nenhum C.A. se manifestou neste sentido. Um fato como este gerou situações curiosas como, por exemplo, o técnico da equipe feminina de vôlei da arquitetura ter sido o juiz do jogo entre seu time e o da comunicação, após um acordo com as

adversárias. Apesar de dificuldades como esta, as atuações podem ser consideradas boas e os juízes já estão sendo comparados aos bifes do bandejão: frios, duros e com nervos de aço. Neste sentido, Osvaldo Doroteu De Imondes, que vem "apitando" jogos de futebol de campo também vem se destacando. Antes de iniciar cada partida, Osvaldo reúne todos os atletas no centro do gramado e delimita as suas regras: nada de violência ou desrespeito e reclamações, levando em conta também que não há amizade dentro de campo entre jogadores e juiz. "De um modo geral, acredito que os jogos estão sendo tranquilos", completa ele. Um outro problema identificado por Ailton Dutra de Farias, o "Caburé", é o desconhecimento das regras por parte dos jogadores. Se isso não acontecesse, haveria menos reclamações. "Acho também que a ideia de um quadro permanente de árbitros é muito boa", acrescenta. Atualmente, os juízes ganham 70 cruzados por partida e seus

auxiliares 40, o que não é muito para quem está apitando jogos sob o sol do meio-dia. "Esperamos que nas semifinais, com a redução do número de jogos, as coisas melhorem", complementa Caburé, que apita jogos de futebol de campo e de salão.

A equipe médica formada por alunos dos departamentos de medicina e enfermagem é um outro pilar de sustentação dos jogos. Trabalhando normalmente em duplas, são facilmente identificados por seu uniforme vermelho e o equipamento de praxe: esparadrapo, ataduras, água oxigenada e mertiolate. Sob a orientação de professores da área de saúde, o serviço médico ainda não enfrentou nenhuma dificuldade mais grave. Resta torcer para que as atuações em conjunto de médicos e enfermeiros, árbitros e jogadores possam manter um recorde positivo contra a violência.

MARCUS VINICIUS



A Caminhada Para Saúde Anda Muito Bem.



Agora, toda segunda às 16:45 hs em frente à biblioteca, você tem um encontro marcado com a descontração: a Caminhada para Saúde. Uma nova mania surgida na UnB para incentivar a consciência e a prática de uma vida mais natural.

Já que aumentam a cada dia os problemas provocados pelo stress, o álcool e a má alimentação, valorizar essa atividade é uma ideia muito saudável, não?

Por isso, se você também acha que em matéria de saúde muitas coisas andam mal, dê o primeiro passo: venha participar.

Afinal, esse é o melhor caminho.

Diretoria de Ação Comunitária - SSC/AER

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES



"A Rádio UnB está em estudos aqui no ministério das Comunicações. O processo está sendo analisado e minha boa vontade para conceder é total. Faltam os estudos técnicos e os aspectos legais".

"Eu sou um progressista"

O ministro das Comunicações do Governo José Sarney, Antônio Carlos Magalhães, 60, baiano de Salvador, formou-se em medicina, foi redator de jornal, mas acabou seguindo uma carreira política que notabilizou um estilo passional e corpulento de defender suas convicções. Começou como deputado estadual pela Bahia em 1954, tendo ainda sido eleito duas vezes como deputado federal pela União Democrática Nacional (UDN). Em 67 foi indicado prefeito de Salvador, cargo que exerceu até 70. Por duas vezes foi governador biônico da Bahia, consolidando sua imagem de cacique local.

Conspirou contra João Goulart e encontrou perfeita identificação no regime militar, até que na sucessão do presidente João Figueiredo, mudou de camisa e usou sua bagagem política para ocupar um posto chave na Nova República. Com a derrota do seu candidato, Mário Andreazza, na convenção do PDS, ele se recusou a apoiar o nome de Paulo Maluf e liderou a migração dos andreazzistas para Tancredo Neves. Foi quando, em resposta a um duro discurso do então ministro da Aeronáutica Délio de Mattos, que acusou os dissidentes de traidores, ajudou a desanuviar um ambiente tenso por rumores em torno de uma possível intervenção militar.

Nessa entrevista exclusiva concedida ao CAMPUS, Antônio Carlos Magalhães gira sua metralhadora sobre temas polêmicos, analisa o risco de um golpe, critica o ex-presidente Figueiredo, especula sobre os rumos do Governo Sarney e explica a polêmica em torno da rádio UnB.

Campus: A Aliança Democrática, na prática, já não existia há algum tempo. Então qual o objetivo do PFL ao denunciar o fim dessa Aliança?

ACM: É verdade. Se não existia na prática, não tinha porque estar no papel. Foi um movimento importante para a vida do País, marcou uma época com a eleição de Tancredo e Sarney e legitimou o Colégio Eleitoral.

Campus: A Aliança terminou devido a uma luta por cargos no governo?

ACM: Pode ter sido a última gota. Mas nada acontece sem que haja antecedentes, tudo isso vinha fermentando. Então, o Aureliano Chaves e o Marco Maciel resolveram que era melhor extinguir logo, já que não havia a necessária convivência harmoniosa entre os nossos correligionários e o PMDB.

Campus: Que qualificações devem ter os novos ministros de Sarney?

ACM: O presidente escolhe os ministros conforme sua confiança, levando em conta a lealdade e a competência. Deve ser uma — equipe homogênea e que só tenha compromissos com ele e com a Nação.

Campus: Como vai a coleta de assinaturas de parlamentares do PFL de apoio ao presidente Sarney?

ACM: É um êxito absoluto. Mas esse documento não é para dividir, é para somar. Uma maioria que seja ouvida no partido. O que acontece no PFL, às vezes, e sempre no PMDB, é que a cúpula decide sem saber o sentimento das bases.

Campus: O PFL corre o risco de uma ruptura?

ACM: Não, porque quem está à frente desse documento sou eu, quem toma as assinaturas sou eu e eu não desejo o rompimento. Ao contrário, desejo fortalecer com isso o presidente do PFL Marco Maciel.

Campus: Mas ele não assinou o documento.

ACM: Não e acho até que ele é contra. Se ele pudesse até impediria as assinaturas. Mas é um documento das bases e que não visou ferir o senador Marco Maciel. As discordâncias são normais.

Campus: A busca de assinaturas individuais e não partidárias revela o fato dos líderes não estarem mais representando seus partidos?

ACM: Não. Se o presidente pede para se livrar de quaisquer elementos que estejam emperrando a sua atuação, fica muito individual aceitar ou não. Não se fere os partidos na medida em que todos assinem o documento.

Campus: Há uma reforma partidária em curso?

ACM: Após a Constituinte é possível que haja porque não há partido no Brasil onde não haja desconfortos, sobretudo no PMDB, que está cheio de frentes. Quem é maior geralmente perde mais.

Campus: E no PFL?

ACM: No PFL as crises são muito superficiais. No PMDB são mais profundas, porque são sempre ideológicas. O PFL não tem nenhum compromisso com a gemagogia.

Campus: O deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG) afirmou que o PFL não deixa o Governo porque tem forte "vocação governista".

ACM: Todo partido que não tiver vocação governista é um partido suicida. Chegar ao governo é um dever de todos os partidos e sair do governo só quando o povo não quiser mais. Estamos no governo porque elegemos uma grande bancada. O deputado Bonifácio de Andrada, que já foi governo muito tempo, pode ter suas saudades.

Campus: E vocação sarneista, o PFL tem?

ACM: O presidente Sarney tem se portado dignamente, com a maior decência, dando ao cargo a dignidade que ele havia perdido em virtude do seu antecessor não levar muito em conta essas coisas. É um crédito que o presidente Sarney tem. É necessário que deixem o homem trabalhar, sem ficar preso a falsos compromissos.

Campus: O PMDB está deixando o presidente governar?

ACM: Francamente, o PMDB algumas vezes atrapalha. Eles podem achar do mesmo modo que o PFL é que atrapalha, o que é uma coisa natural na política.

ele quis fazer um auto-retrato quando redigiu esse manifesto.

Campus: Há riscos de um golpe militar?

ACM: Se eu disser que isso é impossível vou estar faltando com a verdade, mas é muito improvável. O País amadureceu e as Forças Armadas não tem o interesse em tomarem o poder. Mas não devemos abusar desse propósito e tornar o País inviolável. E os homens públicos tem a obri-

mulação da justiça, a fim de que ela pudesse dar ganho de causa àqueles canais cujas concessões retiramos para reexame. Assim, tivemos que fazer e estamos fazendo reexames. Alguns casos tem sido favoráveis e outros continuam sendo examinados.

Campus: Qual é a melhor maneira de fazer essas concessões? O Conselho Nacional de Comunicação?

ACM: A melhor maneira seria a que vigora, com objetivo e critérios

Campus: Então, da sua parte a rádio está garantida?

ACM: Não digo que está garantida porque a minha parte é muito ligada a esses organismos. Mas a minha boa vontade para conceder é total.

Campus: O sr. vê com bons olhos rádios e TVs universitárias?

ACM: Vejo, contanto que elas não proliferem demais. Não pode haver rádios demais porque se estará impedindo o público de ter a rádio que ele quer. Mas não vejo empecilho algum.

Campus: Inclusive para a rádio UnB...

ACM: Eu não enxergo nada contra isso.

Campus: E a confusão gerada?

ACM: Não examinaram sequer o número do canal, que nada tinha a ver com o que a universidade estava pretendendo. Eles pensam que o canal foi dado.

Campus: Por que o canal da UnB ainda não saiu então?

ACM: Essa mecânica em relação aos estados é muito mais fácil do que em relação às universidades. Em todos os estados, territórios e mais o Distrito Federal, a legislação faculta que eles tenham sempre uma rádio ou uma televisão. Em alguns casos só podemos dar a rádio.

Campus: Já não existe a Rádio Nacional?

ACM: A Rádio Nacional é da Radiobrás, do governo Federal. Nada tem a ver com o governo do Distrito Federal. São coisas distintas.

Campus: Como o sr. analisa as universidades brasileiras hoje?

ACM: A universidade se transforma na medida em que as gerações

superior fiquem na universidade sem pagar.

Campus: Os recursos públicos devem ir exclusivamente para as escolas públicas?

ACM: Devem ir basicamente para as escolas públicas. Mas o ensino privado não pode ser proibido ou inviabilizado. Nós infelizmente ainda temos a mania de ser o país dos doutores. Aqueles que não tem o curso superior, mesmo muito competentes, não conseguem galgar postos nem na administração nem na empresa privada. Deveria haver algumas coisa anterior ao curso superior que desse um status para as pessoas se desenvolverem também.

Campus: O sr. concorda com a proposta do relator Bernardo Cabral (PMDB-AM) que prevê 18% para a educação?

ACM: Não e não estou de acordo com muita coisa do relatório Bernardo Cabral. Ele próprio não está de acordo por não ser responsável por muita coisa que tem lá, embora seja o relator. Ele foi enxertando de acordo com a hora e a conveniência. O povo brasileiro vai ter uma grande decepção na hora em que ele ver promulgada a Constituição e tida erroneamente como uma panacéia. Ao contrário, da maneira como ela está sendo feita vai aumentar muito os problemas. Estamos dando benefícios em uma quantidade fora da realidade e não vamos ter receita suficiente para cumpri-los. Vai ser uma frustração muito séria e é preciso muito cuidado com isso.

Campus: Como o sr. vê a imprensa brasileira hoje?

ACM: Eu sou um viciado em jornal. Sou um devorador de jornais. Leio todo o dia os jornais. Vejo sempre a imprensa muito bem. Ler um bom jornal é o meu passatempo preferido. Infelizmente, entretanto, perco o tempo de ler bons livros.

Campus: O diploma de jornalismo deve ser obrigatório?

ACM: Jornalismo é uma vocação. Não deve haver exclusividade. Os grandes jornalistas do Brasil nunca passaram por uma escola de jornalismo. Não concordo com a obrigatoriedade do diploma. Fazer jornal é nato. As pessoas nascem ou não nascem jornalistas. Na escola ele pode aperfeiçoar isso.

Campus: Como um devorador de jornais, o sr. enxerga uma censura editorial dos donos dos jornais quanto às notícias que chegam ao público?

ACM: Não, pelo contrário. Acho que os jornalistas fazem mais do que aquilo que os donos desejam. Os jornalistas mandam mais do que os donos.

Campus: O sr. já se aborreceu com alguma notícia a seu respeito que não correspondia à verdade?

ACM: Essa chateação não é diária, mas é pelo menos semanal. Eu engulo e quando o sujeito é meu amigo eu telefono para ele. Continuamos amigos e ele continua recebendo meus "offs" (notícia sem a divulgação da fonte).

Campus: O governo Sarney é acusado de comportar muita gente vinculada ao movimento de 64 e ao regime passado. Rotula-se o governo de conservador. O sr. é um conservador?

ACM: Me considero um homem do meu tempo, sou progressista e demonstrei isso quando governei a Bahia. Lancei uma geração de jovens administradores competentes que estão espalhados por aí. Lancei vários políticos, alguns até meus adversários hoje. Aqui no Ministério das Comunicações, quando eu cheguei, a base era militar. Eu diminuí esse número acentuadamente e hoje existem muito poucos.

Campus: Como tem se portado o atual governador do seu estado, Waldir Pires?

ACM: Eu não trato das coisas da Bahia fora da Bahia, mas o povo baiano não está vendo as coisas bem.

Campus: O sr. planeja vãos políticos mais altos?

ACM: Não, acho que já tive na vida muito mais coisa do que mereço. Quando terminar o governo Sarney eu terei duas alternativas: encerrar a minha vida pública ou me candidatar talvez ao Senado. É uma coisa de que eu gostaria.

RICARDO MIRANDA FILHO E GIULIANA MORRONE



"O ex-presidente Figueiredo deu uma demonstração de pouca saúde mental e falta de credibilidade"

gação de viabilizá-lo. O pronunciamento referido foi isolado.

Campus: E as articulações de alguns civis e militares ligados ao último governo, envolvendo nomes como o do ex-ministro Délio Jardim de Mattos, da Aeronáutica?

ACM: Entre Délio e Figueiredo, não sei qual dos dois está pior.

Campus: No início desse governo, o sr. criticou muito os métodos de concessões de canais de rádio e TV utilizadas pelo último presidente. O que foi feito em termos de revisão?

ACM: Houve um parecer do consultor Darcy Bessone que impediu o meu ato de anular todas essas concessões. Ficamos dependendo da for-

matados pelo Congresso. Nós seríamos cumpridores dos critérios estabelecidos pelo Congresso.

Campus: Foi negada a concessão de um canal de rádio para a UnB?

ACM: Não. Está em estudos aqui no ministério. Houve uma bruta confusão, pois pensaram que o canal havia sido dado para o governo do Distrito Federal. Mas o processo está aqui sendo estudado.

Campus: Qual é a viabilidade?

ACM: A minha boa vontade é enorme. Faltam os estudos técnicos e os aspectos legais. No momento que esses dois pontos ficarem convergentes para que eu possa proceder, não há dúvida de que eu procederei,

também vão se transformando. A universidade do meu tempo é bem diferente da universidade do seu tempo.

Campus: Há uma intenção não revelada do governo de promover uma gradativa privatização do ensino?

ACM: Sou por ambas as universidades, pública e privada. Mas na hora que formos fazer as contas, veremos que infelizmente os alunos das universidades públicas saem muito mais caros. Temos que democratizar o ensino par que o povo tenha acesso à universidade, seja pública ou privada. O que não se compreende é que pessoas que podem pagar o ensino

Editorial

O "Campus" e a "picaretagem"

Depois que publicamos a matéria sobre a caça aos picaretas na UnB e que a notícia foi divulgada pelo Correio Braziliense e pela TV Globo, a reação foi grande. Muitos professores se sentiram ofendidos por terem sabido da pesquisa do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação através da imprensa. Alguns chegaram a acusar o jornal Campus de sensacionalista pelo enfoque que deu à matéria, utilizando a palavra "picareta" em vez de "relapso" termo preferido pelo Correio Braziliense.

Independente do acerto ou erro do trabalho que está sendo feito pelo Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação, cumprimos com o nosso dever de

informar o que acontece no campus universitário. E cumprimos este dever sem a preocupação de agradar ou desagradar ninguém. Afinal, o objetivo do grupo de alunos responsável neste semestre pela edição do Campus é apenas um só: incomodar, alertar, chamar a atenção para os fatos que podem ter importância para a Universidade. Não nos baseamos em contos de fada mas em fatos concretos e é com esta matéria-prima que passamos a incentivar críticas, discussões, mudanças, nas salas de aula, nos laboratórios, nas pesquisas de campo. Discutir a Universidade é o nosso objetivo. E discutir a Universidade significa discutir o ensino que se produz aqui, e, de

preferência, discuti-lo junto aos professores, admitindo, embora, que alguns deles pouco se interessam pelos estudantes ou pela disciplina que ministram.

Voltamos ao tema, neste número, com a reportagem "Caça aos picaretas ou às bruxas?", onde registramos a reação da ADUnB e de professores, isoladamente, contra o que eles chamam de "clima de terror" instalado na UnB. E voltamos ao assunto porque este é o nosso papel, o papel de quem pretende fazer jornalismo sério e responsável. E vamos manter esta posição nem que seja necessário "sapatear sobre todas as mesas da UnB".

What's the meaning of it?

Será um buraco? Um monstro? Ou um teatro onde a gente brinca do que quer? Não, é a Universidade de Brasília. Um lugar onde a gente passa quatro anos (se tiver muita sorte) sem fazer nada e depois recebe um papel engraçado e enrolado em forma de canudo que diz que a gente é bacharel e está pronto para trabalhar, progredir, casar e até ter filhos, se quiser.

Mas o que é uma universidade? Se vocês forem daqueles que têm mania de ler livro em inglês ou Francês e forem olhar num "dictionary" ou num "dictionnaire", podem desistir, pois estarão comprando rato por filé mignon. Num dicionário brasileiro o significado com certeza seria este: Um conglomerado de prédios quebrados e sem verbas, que abrange um conjunto de escolas fictícias destinadas a desenvolver a picaretagem e a mediocridade,

que garante um baixo salário ao professor no final do mês e um diploma para o aluno no final do curso, que dá a ele o direito de engrossar ainda mais a fila dos desempregados. Muito diferente da definição em outros idiomas que diz que uma universidade é uma instituição educacional que abrange um conjunto de escalas superiores, destinadas à especialização profissional e científica e centro da cultura superior. Notaram a diferença?

Em nosso idioma, o significado da palavra passa obrigatoriamente pelas minguadas verbas pelo MEC, as quais mal dão para pagar as contas de luz, água e até mesmo de xerox ou gasolina para os carros! Pesquisar então nem se fala, pergunte a qualquer aluno do Campus Universitário que ele vai te dizer que é reproduzir o trabalho dos outros, ou quando muito copiar meia página de um

livro. Quando o trabalho fica um pouquinho maior, pode ter certeza que as páginas foram arrancadas dos livros da biblioteca.

Pelos rumos que vão as coisas, parece que a nova Constituição não vai mudar em nada essa situação caótica, mas bem real. Enquanto isso, continuamos a brincar de universitários e até acreditarmos nisso. Aliás, é bem capaz de você estar já me excomungando e dizendo que eu não sei de nada porque você estuda muito e até se acha capaz de solucionar o problema da dívida brasileira e a se candidatar a presidente nas próximas eleições.

Vai em frente meu irmão, mas eu não aguento mais e vou ficando por aqui mesmo.

VALERIA CRISTINA CASTANHO

Contribuinte sempre perde

Em todas as marchas e contramarchas da reforma ministerial do presidente Sarney, uma proposta ganha pela presença constante no noticiário de todos os jornais: a da divisão da Previdência Social. Os hospitais e postos de saúde iriam para o Ministério da Saúde e as contribuições previdenciárias para a Receita. Ou seja, a Saúde fica com o problema, a Receita com o dinheiro. Muito conveniente para o eterno déficit público mas, uma vez mais, quem perde é o contribuinte, que continuará vendo descontada mensalmente a sua parte para o INPS e o dinheiro indo não para o bolso do aposentado ou para melhorar os serviços médicos, mas para os lombos de sempre da Receita.

Enfim, uma revista séria

Vale a pena registrar a presença, nas bancas, da revista *Imprensa*, que começou a circular este mês. Feita em São Paulo por uma equipe de jornalistas que já trabalhou na TV-Globo, TV-Cultura e outros órgãos, *Imprensa* traz a discussão sobre o Jornalismo que se pratica hoje no País. No primeiro número, uma entrevista com Otávio Frias Júnior, diretor de redação da Folha de S. Paulo, é a oportunidade de se conhecer melhor a cabeça que está por trás da campanha contra o diploma de jornalista. Muito útil também a pesquisa sobre o grau de credibilidade dos jornais. Parece que eles andam mentindo muito porque, de todos os veículos, é o que anda mais por baixo para o público.

EDITORIA DE POLITICA

Pra onde vai a UNE?

O último congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), realizado em Campinas, no início do mês, trouxe, como grande novidade, a saída do PC do B da diretoria da entidade, depois de oito anos de hegemonia absoluta. A eleição de uma chapa do PT, com maioria ligada à tendência "Caminhando", tem o único mérito de promover uma relativa mudança das cabeças que dirigem o frágil movimento estudantil brasileiro. A "Caminhando", que conta com forte simpatia do deputado José Genoino (PT-SP), sugiu em 1979 de um "racha" do próprio PC do B e já participou minoritariamente de algumas diretorias anteriores.

A nova chapa, eleita em um congresso em que participaram mais de dois mil estudantes, assume com um difícil desafio: Conquistar a simpatia da grande massa de estudantes que permanece

alheia à entidade desde sua reconstrução em 1979. Se os petistas conseguirem este feito, poderão culpar o PC do B pela desmobilização que caracterizou o movimento estudantil nos últimos anos. Seus antecessores últimos sem conseguir que a UNE não passa de uma sigla vazia e sem qualquer significado para a atual geração universitária.

Para mobilizar os estudantes, a nova diretoria tem como temática uma ferenha oposição ao governo Sarney, a exemplo dos seus colegas da CUT, e espera contar com o apoio dos encontros nacionais realizados por cada curso. Grande parte desses encontros não reconhecia a diretoria anterior, que era acusado de haver fraudado a eleição direta que a colocou no "poder".

EUMANO SILVA

Ajudando a boa vontade do Ministro

O Ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães, em entrevista a este jornal, afirma que sua "boa vontade" para conceder um canal de rádio à UnB "é total" e que isto somente não aconteceu porque tudo está dependendo de pareceres dos órgãos técnicos e jurídicos do Ministério. O Ministro diz ainda que o canal que estaria sendo dado ao GDF nada tinha a ver com o canal pretendido pela UnB.

Já que o Ministro demonstra sua enorme boa vontade para com a Rádio UnB seria conveniente alertá-lo para alguns aspectos da questão para os quais, talvez, por suas ocupações, não esteja atento:

1. O Ministro talvez não saiba, mas o projeto da Rádio UnB, elaborado atendendo com minúcia a todas as exigências burocráticas, foi entregue há dez meses no Ministério. Por que toda esta demora burocrática, sabendo-se que, em certos casos, as concessões são dadas em trinta dias?

2. Não existem impedimentos de ordem legal para que a UnB tenha seu canal. Todas as possíveis dificuldades legais, inclusive as provenientes da Lei de Isonomia das Universidades, são perfeitamente contornáveis, segundo as informações de que

disposomos através de consultas a especialistas, inclusive do próprio Ministério.

3. Todas as informações que temos é de que existe um único canal educativo disponível em Brasília. Haveria um segundo, que estaria — mas ainda não foi — sendo devolvido ao Ministério por um concessionário inadimplente. De qualquer forma, se o Ministro afirma com certeza existirem outros canais, mais uma razão para que o canal da UnB, seja o mais rapidamente concedido.

4. Finalmente, um último reparo à declaração do Ministro de que as "rádios universitárias proliferem demais". Aqui também há um equívoco que pode estar inflando no ânimo do Ministro com relação à concessão de emissoras universitárias. Todas elas somadas não alcançam duas dezenas, enquanto o número de emissoras comerciais supera a 1 mil e 500.



Direito rebate críticas

Localizada numa pequena elevação no lado direito da Ala Norte do Minhocão, a Faculdade de Estudos Sociais Aplicados é conhecida entre os alunos dos outros departamentos como o "Olimpo, o lugar dos deuses". É que é corrente na comunidade estudantil que os alunos de Direito são os caras mais reacionários, almotadinhas e pequenos-burgueses do campus.

Pautada para uma matéria sobre o Direito, estive no Departamento e constatei a grande mágoa dos estudantes e professores com o ataque que receberam.

Para o estudante Alexandre Nery, é preciso ter em mente que o Departamento de Direito vive uma situação peculiar dentro da comunidade estudantil. "Nós, pela própria formação que recebemos dentro da disciplina, somos obrigados a agir muito racionalmente, pesando bem as coisas. Quando há uma greve no campus, por exemplo, o Direito é mais lento em aderir ao movimento. Note, prossegue Nery, que a maioria dos nossos professores ocupam cargos no governo

como ministros de tribunais e desembargadores. Por aí, pode-se imaginar as implicações de uma atitude precipitada ou passional da parte de algum deles".

Nery justifica o uso de trajes mais formais pelos estudantes do departamento por uma razão muito simples. "Temos aulas teóricas intercaladas com aulas práticas, assim muitas vezes temos de estar vestidos para assistir a uma audiência ou acompanhar um julgamento, como entrar num tribunal de camiseta".

Vestimentas à parte, o Departamento de Direito contrapõe a pecha de burgueses com o fato de serem pioneiros no atendimento a favelados, "comendo a poeira da Ceilândia" e procurando estar cada vez mais próximos à comunidade carente do Distrito Federal através de um trabalho que teve início em 1984 com a inauguração do escritório modelo que atende gratuitamente à população de baixa renda e agora com o intercâmbio entre o Departamento e a Delegacia da Mulher.

JANE ARAUJO

Os "kamikases" da UnB

Corre pra frente e corre pra trás. Inverteram a entrada e saída dos ônibus. Aparentemente, pela proximidade da saída com o motorista, todos teriam maior tranquilidade ao descer e, inclusive, todos os pretendentes à descida, desceriam.

A linha Rodoviária — UnB, apesar da inversão das portas, continua a mesma. Agora o espetáculo melhorou. O motorista não precisa olhar pelo espelho, nem os passageiros precisam virar as cabeças para apreciar tombos, sacolas espatifadas, gritos,

folhas pelo chão e outras tantas "aventuras". Os motoristas continuam desrespeitando a sinalização do campus ("saltam" os balões e teimam em tentar deitar o ônibus nas curvas). Quem pensa que os kamikases morreram na segunda guerra mundial está muito enganado. Eles reencarnaram como motoristas dos ônibus que circulam pela UnB. Feição de brasileiro e alma de kamikase. Penitência conjugada.

Nathália Kneipp

CARTAS

Senhor Decano,

Na reportagem "Computador x Picaretagem", publicada na edição 107 do Campus, há referência à produção do Departamento de Letras (sic) durante o ano de 1986, considerada a menor de toda a universidade.

Não sei em que se baseia o Campus para fazer tal afirmação, mas é preciso notar que, desde maio de 1986, o Departamento de Letras já não existe. Foi dividido em 3 departamentos a saber: Dept. de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula (LIV), Dep. de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) e Dep. de Teoria Literária e Literaturas (TEL).

O LIV mantém o curso de pós-graduação (mestrado) em Linguística. Na última avaliação promovida pela CAPES, referente ao ano de 1986, o programa de pós-graduação recebeu a menção A no item "Atividade de pesquisa e produção docente".

O LIV vem mantendo um dos maiores índices de atividade de extensão, a maioria das quais relacionadas às linhas de pesquisa do departamento. Em anexo estamos encaminhando a relação dos trabalhos publicados pelos professores do curso de pós-graduação (em atividade e em treinamento), no quinquênio 1982-1987. Está relacionado um total de 83 trabalhos.

Estou certa de que os demais Departamentos da área de Letras (LET e TEL) poderão prestar informações similares com respeito à produção científica de seus membros. Solicitando a V. Sa. a divulgação desses dados agradecemos a atenção e subscrevemos.

Profª Stella Maris

Chefe do LIV

Quando citamos em nossa matéria "Departamento de Letras", na realidade, queríamos nos referir ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, que produziu quatro trabalhos científicos em 86. Mas esta não foi a menor produção da Universidade. Abaixo do LET ficou o Departamento de Educação Física, que não apresentou nenhum trabalho ano passado e os Departamentos de Métodos e Técnicas e de Planejamento e Administração, que apresentaram dois.

Jornal — laboratório do Departamento de Comunicação da UnB

Endereço: Campus da UnB — ICC Norte

Editor-chefe: Marcus Vinícius B. Lopes
Editores: Ricardo Miranda Filho (Política), Tíd Carvalho (Comportamento) e Floriano Lima Filho (UnB)
Editores do Suplemento: Andréa Moraes, Andréa Quintiere, Giuliana Morrone e Militão Ricardo

Copy Desk: Delmam Assis e Giselle Chassot

EXPEDIENTE

Repórteres e Redatores: Augusto Rodrigues, Alessandra Rios, Benedito Augusto Carvalho Rodrigues, Daniel Angelo, Dizo Dal Moro, Delmam Assis, Flávio Guilherme, Hélio Franco, Jane Araújo, Jorge Lage, Larissa Chagas, Luiz Fernando Molina, Luiz Piu, Márcia Binder, Mário Salimmon, Marilda Vargas, Marcos Pinheiro, Mário Celso de Araújo Tafari, Mauro Forto, Nathália Kneipp, Oswaldo Buarí Júnior, Paulo Cabral, Paulo Fona, Verner Uhlman, Valéria Cristina Castanho, Giselle Chassot e Eumano Silva.
Fotografia: Andréa de Castro Fonseca,

César Mendes, Cláudia Valéria A. Pereira, Dulcídio Siqueira Neto, Eunice Antunes Vieira, Isabel Cristina Braga, Isabela Villas Boas, Nathália Kneipp e Paulo Paniago.

Professores Orientadores: Salomão Amorim, Gonzaga Mota e André Gustavo Stumpf.

Editora Supervisora: Jornalista Célia Maria Ladeira

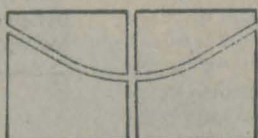
Diagramação: Márcio Amaral
Ilustração: Ricardo Miranda Filho
Secretário de Redação: Eumano Silva
Composição, Revisão e Impressão: CORREIO BRAZILIENSE

Não Deixe Este Espaço Vazio

O mestrado em Comunicação da UnB é a melhor oportunidade para você preencher muitos espaços em branco. Através de pesquisas voltadas para COMUNICAÇÃO E CULTURA e POLÍTICAS DE COMUNICAÇÃO, você terá um lugar garantido para pensar, pesquisar, teorizar e falar. Informe-se.

Inscrições:
02 a 30.11.87
Exames de seleção:
07, 08 e 09.12.87

Depto. de Comunicação



Universidade de Brasília



A cultura búlgara é preservada na abertura política

Bulgária vive sua abertura

Não é somente na União Soviética que um estado socialista promove mudanças políticas, econômicas e sociais. A chamada “Perestroika” soviética ganha o nome de “Reestruturação” na Bulgária, país de 8,5 milhões de pessoas que vivem num regime socialista desde setembro de 1944. Em apenas 16 meses — de abril de 86 a agosto deste ano — os governantes búlgaros efetivaram profundas mudanças no sistema econômico e político do país, mexendo em estruturas acomodadas. “A reestruturação é um processo profundo e contraditório”, resumiu Stoyan Mijailov, secretário do Comitê Central do Partido Comunista Búlgaro, a 14 jornalistas estrangeiros que visitavam o país no início de outubro.

De fato, a chamada reestruturação é um processo profundo de transformações que questiona velhos conceitos da teoria marxista e a maneira de se organizar um estado socialista. Num prazo relativamente curto, o governo búlgaro reformulou conceitos e criou novos que lhe permitiram deflagrar a reestruturação da sociedade búlgara.

O papel do estado e do partido, o sentido da planificação, o conceito de “propriedade social” e a consolidação da democracia num estado proletário transformaram-se em temas obrigatórios em todo e qualquer tipo de reunião — do birô político a uma associação de classe. Ao lado desses temas surgiu um outro que, a cada dia que passa, torna-se mais importante: o conceito de autogestão. “A autogestão é um desdobramento da democracia socialista em nosso país”, define Todor Yivkov, secretário-geral do PCB e presidente do Conselho de Estado, o principal dirigente da nação.

Mas em que consiste essa nova revolução? Basicamente, o que o governo búlgaro deseja é modernizar sua economia, torná-la mais competitiva, agilizar a máquina estatal e democratizar o processo decisório nas diferentes instâncias produtivas — fábricas e complexos agroindustriais, principalmente. Assim, de uma só vez foi reduzido de 30 para 11 o número de ministérios e criado um superministério de Economia. O país passou por uma nova redefinição geográfica. As 28 províncias administrativas reduziram-se a nove. Com isso, cerca de 15 mil servidores públicos serão realocados para outras atividades, possivelmente nas áreas educacional e de prestação de serviços.

O enxugamento ministerial, com a eliminação de duas dezenas de órgãos, representa a renúncia a um tipo de administração econômica centralizada e ramificada. Antes, cada ministério setorial — saúde, educação, por exemplo — definia as metas e as executava diretamente. Com a implantação da nova estrutura ministerial cria-se condições para descentralização administrativa e para o surgimento da autogestão nas entidades

econômicas. Em outras palavras, o estado deixa de executar tudo. “O estado definirá os objetivos e a estratégia do desenvolvimento do país, regulamentando a economia de acordo com os interesses nacionais”, explica Lazar Rosnev, da agência Sôfia Press.

Dessa maneira, o estado perdeu seu ilimitado poder de planificar a economia. Estabelecidos os planos quinquenais, caberá a cada agente econômico fixar suas próprias metas. A partir deste ano, esses agentes passaram a ser autogestionados. Ou seja, os próprios trabalhadores elegem seus diretores, definem, em assembleia geral, a produção da fábrica, a compra de matérias-primas e os salários a serem pagos. Qualquer aumento de produtividade ou economia, com redução de custos, reverte-se para o salário dos trabalhadores.

Essa inédita experiência de autogestão em larga escala na economia de um país socialista é a base de toda a transformação econômica e política da “glasnost” búlgara. Para lhe dar sustentação, foi quebrado o monopólio do Banco Nacional da Bulgária, o único banco até o início deste ano. Surgiram 21 novos bancos ligados diretamente às associações econômicas. “Queremos aproximar o capital financeiro do industrial”, justifica Todor Yivkov, sem preocupar-se com a possibilidade de estar repetindo uma tendência histórica das economias capitalistas modernas. “Nossa base social é outra”, rebate.

A criação de novos agentes econômicos e a implantação da autogestão colocam em cheque outro fundamento socialista: a propriedade coletiva. Os teóricos búlgaros concluíram que a propriedade dos meios de produção, apesar de pertencer a todos os trabalhadores, não pode ser “anônima”. Ou seja, é preciso que uma coletividade e não toda a sociedade responda por ela. “A propriedade é socialista mas sua administração é de um grupo de trabalhadores”, prega Stoyan Mihailov. Essa transferência de posse e administração de um meio de produção é oficializada num contrato formal entre o estado e o coletivo de trabalhadores que se encarregará de administrá-la, com todos os riscos inerentes à atividade produtiva. Se o mercado não absorver a produção a fábrica quebra e o estado não a socorre.

A “reestruturação” recém-iniciada encontra resistências. Alguns setores do partido e do aparelho estatal reagem às mudanças. “Algumas pessoas perderão o poder e as que assumirão seus lugares não têm prática suficiente”, alerta Angel Dimitrov, secretário do Partido União dos Agricultores Búlgaros, que divide com o PCB a administração política e econômica do país. “Nosso maior problema é mudar a mentalidade dos dirigentes”, endossa o secretário do PCB, Stoyan Mihailov.

PAULO FONA
Enviado especial,
a convite da agência Sôfia Press



D I P L O M A

Os bastidores da discussão

Quando a Comissão de Sistematização da Assembleia Nacional Constituinte rejeitou, no dia 29 de setembro, a proposta que eliminaria a exigência do diploma específico para o exercício da profissão de jornalista, parecia ser o desfecho de mais um dos muitos destaques apresentados nessa fase terminal dos trabalhos. Na verdade, apesar do placar de 79 votos a 7 a favor da obrigatoriedade do diploma, estava sendo disputado apenas mais um round numa batalha que ainda promete se arrastar por um bom tempo. “A pulverização das redações com profissionais de várias áreas tiraria a identidade da categoria e o poder de barganha do sindicato”, argumenta o presidente do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal, Carlos Max Torres. “A limitação do diploma mediocriza e restringe a qualidade do produto jornalístico”, responde Mário Vitor dos Santos, diretor da Folha de São Paulo em Brasília.

O jornal Folha de São Paulo tem se notabilizado por uma nervosa campanha contra o diploma, alimentando uma discussão apaixonada que coloca de um lado o sindicato e a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e de outro a Associação Nacional dos Jornais (ANJ). “A Folha está promovendo uma briga desleal e muito baixa, tentando denegrir a imagem do jornalista ao mentir descaradamente para a opinião pública”, ataca Reiko Miura, diretora da FENAJ. “A Folha radicalizou e não está sendo honesta, sentenciou Carlos Max, do sindicato.

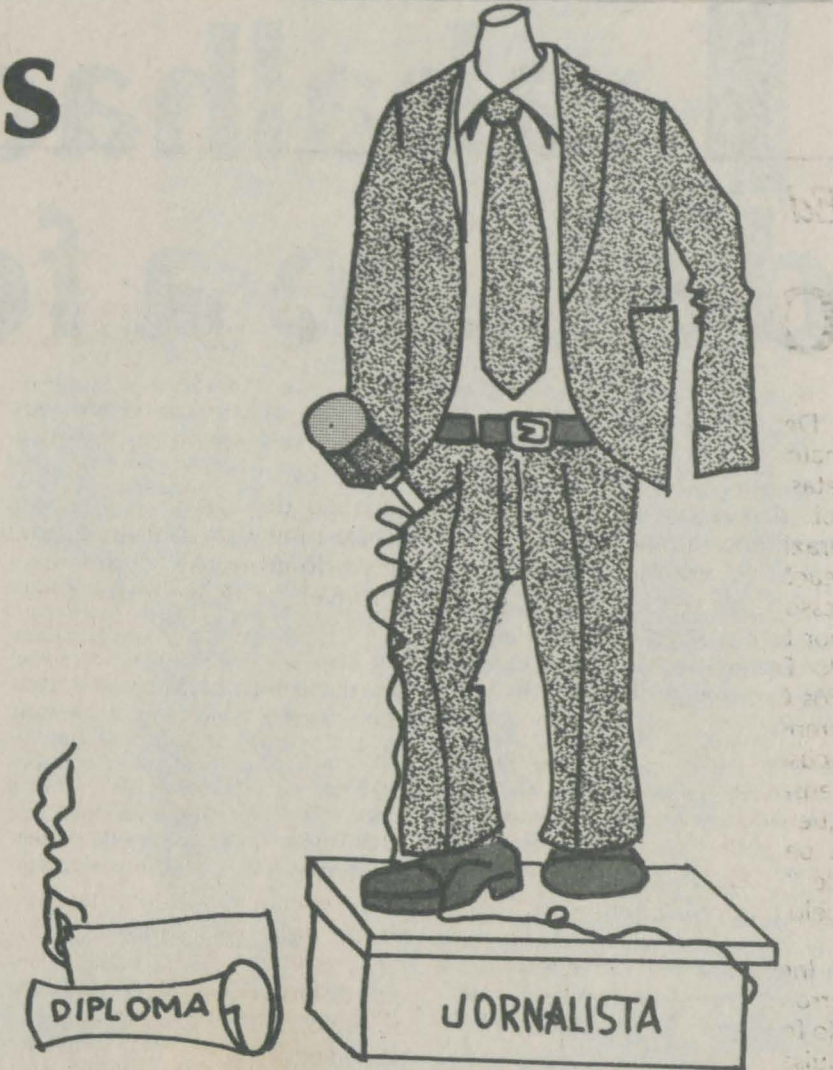
A troca de acusações entre o jornal paulista e representantes dos jornalistas se deve em grande parte à cobertura da Folha no dia seguinte à votação na Sistematização, quando num editorial intitulado “Diploma de incompetência” denunciou o uso de “gangsterismo como método de per-

suasão”. “As entidades sindicais apelaram para métodos mafiosos”, insinua Mário Vitor, da Folha. E explica: “É o oferecimento de proteção e simpatia nos noticiários” como forma de cooptar os parlamentares.

No dia da votação na Sistematização, o deputado Rodrigues Palma (PMDB-MS), autor do pedido de destaque que permitiria “o livre exercício de profissões vinculadas à expressão direta do pensamento, das letras e das artes”, não compareceu ao plenário. Pelo regimento, o destaque ficaria prejudicado, mas o deputado Fernando Gasparian (PMDB-SP) assumiu a proposta com a procuração do subscritor ausente. As dúvidas pelo motivo da ausência levaram a especulações e nova troca de acusações. “A Folha publicou informações inverídicas”, segundo Reiko Miura, da FENAJ, referindo-se a informações veiculadas no jornal, dando conta de que Rodrigues Palma teria sofrido “pressões brutais” que terminaram por amedrontá-lo. Segundo a FENAJ, foi Rodrigues Palma quem procurou Armando Rollemberg, presidente da entidade, e não o contrário. “Se o Boris Casoy tivesse sido honesto teria dito isso, pois ele viu”, explica a diretora da FENAJ, desmentindo o jornalista do conselho editorial da Folha, enviado à Brasília especialmente para cobrir a votação desse tema polêmico.

“Meu não comparecimento não foi voluntário”, explica o próprio Rodrigues Palma. “Eu fui chamado para uma reunião na vice-liderança do — e infelizmente cheguei no plenário quando tinham acabado de votar a minha emenda”, resume.

Mas por que se condena a obrigatoriedade do diploma? Para o senador José Richa (PMDB-PR), que votou contra o diploma, essa “é uma exigência estúpida”. “Sou contra qualquer tipo de diploma”, acrescenta. Já



o deputado Rodrigues Palma, que fez sua proposta “em função de contatos com amigos jornalistas de Mato Grosso que não têm diploma”, acha que qualquer profissional de curso superior deveria ter acesso às redações de jornais mediante um “curso de aperfeiçoamento”. E compara: “Conheço excelentes pintores que não são formados em belas artes”. Com ele concorda Edgar Lisboa, diretor-executivo da ANJ, para quem “o jornalismo não pode ser tutelado pelo diploma”. O jornalista Mário Vitor, da Folha, acrescenta ainda que as atuais faculdades de jornalismo são “abaixo da crítica”.

“Cabe então melhorar o nível dos cursos”, raciocina a deputada Cristi-

na Tavares (PSB-PE). “Os cursos de Comunicação estão desaparelhados porque sofreram com o regime militar, que não queria um jornalismo crítico”, recorda Carlos Max, do sindicato dos jornalistas. Para o professor Salomão Amorim, do departamento de Comunicação da UnB, “ainda não foi inventada instituição mais idônea do que a universidade para formar profissionais de jornalismo”. Sobre a campanha da Folha de São Paulo, ele é enfático: “A Folha adotou uma atitude de manipulação, perdeu a compostura e tem agido com leviandade e irresponsabilidade”.

RICARDO MIRANDA FILHO

E no socialismo, como é?

ne Gueorgui Dimitrov, chefe da cátedra da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Sófia, a única do país. “Não pode haver um vazio informativo em torno das deficiências e dificuldades na democracia socialista”, ensina Zhivko Ganchovski, da Agência Sôfia Press, resumindo os novos tempos de reestruturação na Bulgária.

Essa nova mentalidade de encarar o jornalismo no país levou a mudanças no curso de Comunicação. Ao invés de quatro anos, os búlgaros resolveram ampliar o período por mais um ano. Foi introduzida, nos dois últimos anos do curso, uma especialização profissional em algum assunto — política, economia, esporte ou qualquer outro tema. Assim, na avaliação deles, o estudante prepara-se para escrever melhor. “Na nova etapa de desenvolvimento social exige-se competência profissional”, resume Ganchovski.

A procura por densidade nos textos jornalísticos levou a uma abertura maior. A partir deste ano, as redações passaram a receber em seus quadros profissionais formados em outros cursos da área de humanidades — sociólogos, economistas, filósofos etc. Os profissionais originários das chamadas ciências exatas — médicos, engenheiros e outros — são obrigados a cursar uma pós-graduação na Faculdade de Jornalismo da Universidade de Sófia. Ou seja, para estar habilitado a escrever essa pessoa passará, em média, seis anos numa universidade.

Mas, apesar dessas mudanças, permanece outro problema: a distância entre o aprendizado escolar e a prática profissional. “Queremos que boa parte do curso se passe nas redações”, informa Bogomil Métschanski, da Direção Central da União dos Jornalistas Búlgaros, entidade profissional que agrega os quase 4.500 jorna-

listas búlgaros que trabalham em cerca de 350 publicações e 7 centros de rádio e televisão. Por enquanto, não encontraram uma solução para esse problema.

Em que pese a semelhança de problemas na formação do estudante e no exercício da profissão no Brasil e Bulgária há distinções que precisam ser consideradas. O regime socialista da Bulgária garante emprego para todos os trabalhadores e uma remuneração mínima em torno de 120 dólares. Não há uma concorrência que avilte os salários e a abertura para que profissionais não formados em jornalismo escrevam e controlada pelo Estado, que previamente define o número de cidadãos que podem ingressar no mercado. Uma situação bem diferente da que ocorre no Brasil.

PAULO FONA

SISTEMATIZAÇÃO

Os tropeços que atrasam a votação

“Eu sou daltônico e não tenho a mínima condição de conferir meu voto no painel”. Esta reclamação, feita pelo deputado José Thomaz Nonô (PFL-AL) durante um ensaio com o painel eletrônico que começou a funcionar esta semana para agilizar as votações da Comissão de Sistematização, é apenas um exemplo da infinidade de problemas que contribuem para a lentidão dos trabalhos da Constituinte. Cada destaque discutido é um festival de confusões dos parlamentares, tropeços no regimento e intervenções que nada acrescentam ao plenário.

A dificuldade de Nonô, a princípio, é justificada, pois os resultados das votações aparecem no painel em três cores: verde, vermelho e laranja, que representam, respectivamente, “sim”, “não” e “abstenção”. A uma certa distância, até mesmo

quem enxerga normalmente não consegue distinguir, com exatidão, se a luz acesa é vermelha ou laranja.

Para a reclamação de José Thomaz Nonô, o senador Jarbas Passarinho, presidente da Mesa em exercício, teve resposta imediata: “Pergunte ao colega ao lado”. Era de se esperar, porém, que uma solução desta natureza partisse do próprio deputado daltônico, sem necessidade de usar o microfone e gastar o precioso tempo da Sistematização.

No mesmo ensaio, foi constrangedora a dificuldade que alguns constituintes encontraram para usar o painel. É curioso, por exemplo, que o senador José Lins (PFL-CE) tenha se prontificado a esclarecer seus colegas sobre como deveriam proceder para que o voto de cada um fosse registrado. Nas três tentativas de votações feitas anteriormente, José Lins

não conseguiu, uma única vez, utilizar corretamente o painel, e seu voto não havia sido computado em nenhuma oportunidade. Na ocasião, o senador Jarbas Passarinho comentou ironicamente: “Quem não sabe, ensina”.

O próprio regimento da comissão não dá muita margem para que os trabalhos sejam apressados. Cada destaque apresentado tem duas intervenções de cinco minutos a favor e duas contrárias, totalizando, somente nesta etapa, vinte minutos. Nas votações nominais, o tempo mínimo consumido é, também, vinte minutos. Com o uso do painel, este tempo pode ser reduzido, mas, não muito, pois os suplentes continuarão votando nominalmente, já que o placar é somente para os titulares.

EUMANO SILVA

TCHECOSLOVÁQUIA

Os acordes comunistas

Milhares de jovens se espalham pelas arquibancadas em um grande ginásio. Uma banda de Rock invade o palco e uma mensagem pacifista se mistura com os sons das guitarras. Estamos no Rock in Rio ou no Festival de Montreux? Nada disso. Toda esta festa foi realizada na noite de abertura do IV Congresso da União Socialista da Juventude da Tchecoslováquia, realizado nos dias 2, 3 e 4 de Outubro em Praga.

Quando se fala na juventude dos países socialistas, vem logo a imagem de uma geração cinzenta que não tem acesso a produtos culturais como o Rock por ser considerados produções capitalistas. Um repórter

do CAMPUS teve a oportunidade de desmistificar vários estereótipos que existem relacionados à juventude dos países socialistas.

Juventude e Socialismo.

A União Socialista da Juventude da Tchecoslováquia é uma organização de massas de caráter voluntário que tem por objetivo mobilizar a juventude para o programa de construção socialista. No Congresso, foi possível perceber que os problemas da juventude em um País como a Tchecoslováquia são bem diferentes dos colocados por aqui. Não se discute desemprego porque o acesso ao primeiro trabalho depois da conclusão dos

estudos é garantido. Mas isto não quer dizer que não existam problemas colocados para a juventude, pois, como afirmou o Presidente da República Socialista da Tchecoslováquia durante o Congresso, a juventude deve participar do importante processo de Glasnost que se desenvolve no País. Para isto, segundo Gustáv Husák, é preciso desenvolver formas mais dinâmicas de participação política e continuar desenvolvendo a perspectiva crítica que se viu durante todo o Congresso.

MAURO PORTO
Enviado Especial,
a convite da U.S.J.

OLHO VIVO

● Os documentos oficiais continuaram guardados nos cofres do governo, longe do olhar curioso da história. Foi o que decidiu a Comissão de Sistematização, por 49 votos contra 41, com os votos de todos os parlamentares do PDS, PFL, PTB, PL, PDC e parte do PMDB.

● O constituinte Carlos Alberto “Caó” (PDT-RJ) já tem engatilhada emenda ao artigo que cria o Conselho Nacional de Comunicação, que deixaria de ser apenas um órgão consultivo, para também deliberar sobre as concessões de canais de rádio e TV.

● Cresce na Constituinte a tendência para substituir o cargo de governador do Distrito Federal por um prefeito.

● Nem mesmo o senador José Lins (PFL-CE) esperava ver aprovada a sua emenda, obrigando as empresas com mais de 50 trabalhadores e empregar dez por cento de sua mão-de-obra com pessoas de mais de 45 anos de idade. A pretensão é acabar com a discriminação por idade. E a reserva de mercado mais original já produzida na Constituinte.

● Esquerda e direita deixam no plenário suas divergências ideológicas para se encontrar no café instalado à entrada do plenário da Câmara.

● A atitude do deputado José Lourenço rasgando o projeto de Constituição após uma tensa discussão com o relator Bernardo Cabral não é exatamente inédita. Só que das outras vezes a Constituição rasgada já havia sido promulgada.

rabalhador discute a fome

No ano em que se comemora a Semana Mundial da Alimentação em todo o Brasil, inclusive na UnB, várias lideranças sindicais vieram a Brasília debater o problema da fome em nosso país. Walter Barelli, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos, recebeu o prêmio Josué de Castro instituído pela UnB, em reconhecimento a sua luta por melhores salários e pelo emprego. O Campus ouviu os trabalhadores para saber sua posição sobre o assunto.

Na opinião dos trabalhadores brasileiros, um dos maiores problemas enfrentados pelos países do chamado Terceiro Mundo, está intimamente relacionado com as questões nutricionais de sua população. Josué de Castro, médico recenseiro e autor de *Geografia da Fome*, colocou que o referido problema assume, nestes países, proporções endêmicas, ou seja, as mesmas características de uma doença crônica. No Brasil, especificamente, a questão vem se agravando de ano a ano com as sucessivas quedas do salário.

Outros fatores contribuem para aprofundar ainda mais a situação. Se-

RAÇÃO MÍNIMA

O decreto-lei 399, de 30 de abril de 1938, que regulamenta a quantidade mínima de alimentos que o trabalhador deve receber em forma de salário, estabelece, em seu parágrafo 1º, que "a parcela correspondente à alimentação terá um valor mínimo igual

aos valores da lista de provisões". Esta lista divide o país em quatro regiões, de acordo com as peculiaridades próprias de cada estado, e estipula uma razão mínima para cada trabalhador adulto, num total de quatorze produtos:

Segundo cálculos do DIEESE, de 1959 para cá a relação entre o custo médio desta ração básica e o salário mínimo está numa curva descendente. Isto significa que os preços dos produtos alimentícios básicos cresceram em níveis muito superiores ao salário mínimo. Naquele ano, o custo médio anual da ração correspondia a 27,12% do salário mínimo; já em 1970, esta relação subiu para 43,84%, atingindo 65,63% em 1980. Atualmente, durante os nove primeiros meses de 1987, foi registrado que o custo com a alimentação básica alcançou a marca impressionante de 88,56% do salário mínimo.

mo tempo, político. "A fome é um problema salarial e o que vem sendo privilegiado é o interesse do capital", enfatiza Joel.

DANIEL ÂNGELO



DIREITO

Apoio à Mulher

A partir deste mês, a Delegacia de Atendimento à Mulher-DEAM — inaugurada no dia 1º de setembro para tratar dos crimes e violência contra as mulheres, conta com a assessoria jurídica de seis estudantes do Curso de Direito, que se ofereceram como voluntários para desenvolver um trabalho assistencial junto àquela delegacia.

Para a delegada-chefe, Oneida Fátima de Freitas, a oportunidade de contar com o apoio dos estagiários é ótima, uma vez que a maioria das pessoas que procuram a delegacia muitas vezes não sabem nem como fazer uma petição. "Embora não possa atuar na área penal, o estagiário será útil no trabalho de encaminhar"

mento, orientação e assistência àqueles que procurarem esta delegacia".

A idéia de se criar um intercâmbio entre a DEAM e a Universidade de Brasília surgiu no último dia 26 quando os alunos do Departamento de Direito fizeram uma visita à Delegacia da Mulher, levados pelo professor Nicoln Magalhães da Rocha.

Marla Alencar de Oliveira, uma das estagiárias voluntárias, acredita que a Delegacia de Atendimento à Mulher está iniciando um trabalho novo que representa para ela, uma excelente oportunidade de exercitar o aprendizado de advogada, principalmente defendendo a causa da mulher.

DEAM, o Departamento de Direito avança um pouco mais na direção da comunidade, na opinião do professor Lincoln da Rocha. Há três anos o departamento trabalha com o escritório modelo, na Faculdade de Estudos Sociais Aplicados e há um ano com o Escritório Jurídico de Assistência Comunitária da UNB, na EQNN 18/20 — Bloco C — loja 5, na Ceilândia Norte.

JANE ARAÚJO

FLASHES

COMISSÃO — O professor Roberto Boccacio Piscitelli, da Administração, enviou uma carta ao reitor Crisótvam Buarque pedindo que fosse excluído da Comissão Examinadora do Concurso para professores na área de Ciências conContábeis. Ele era suplente da Comissão e alegou que não foi informado dos critérios e da divulgação do processo de escolha dos novos professores. Piscitelli fez questão de citar no texto da carta que estão participando da Comissão professores das áreas de Física e Química, o que, para ele, “não constitui nenhum demérito”.

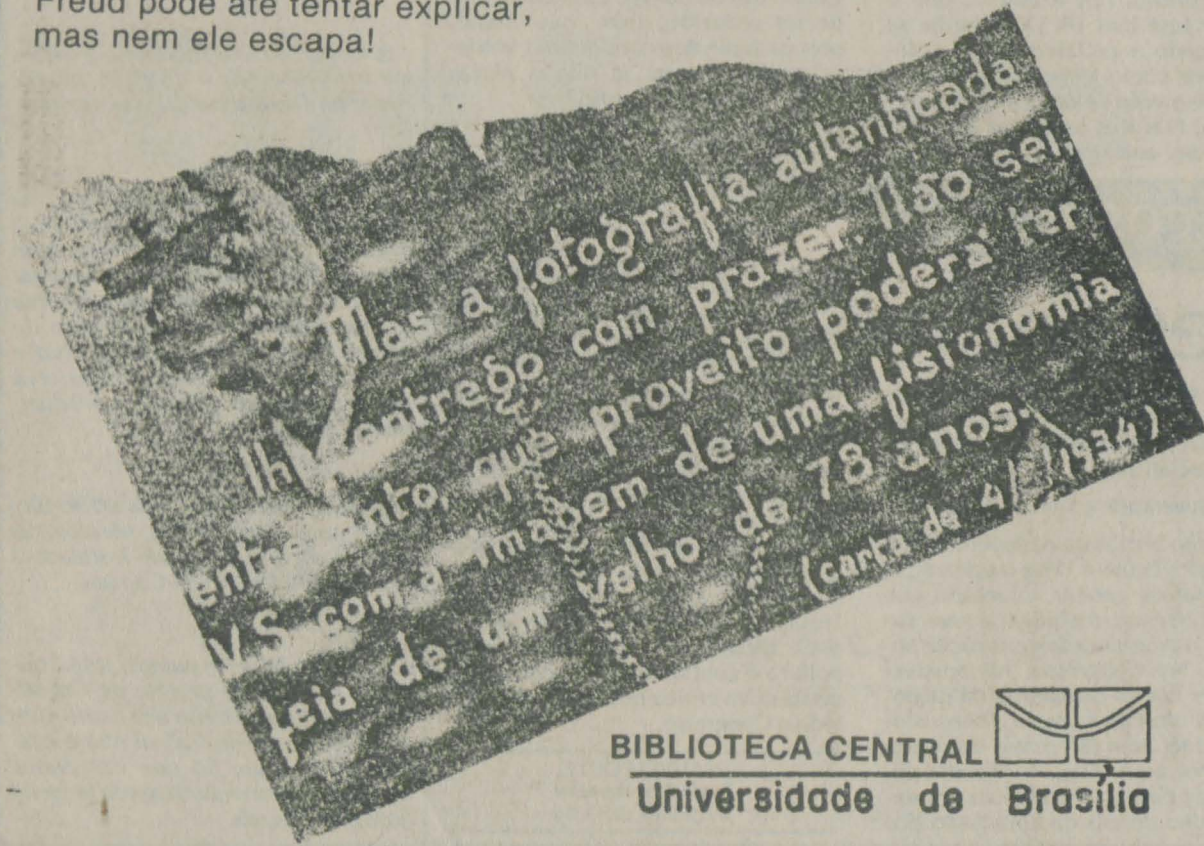
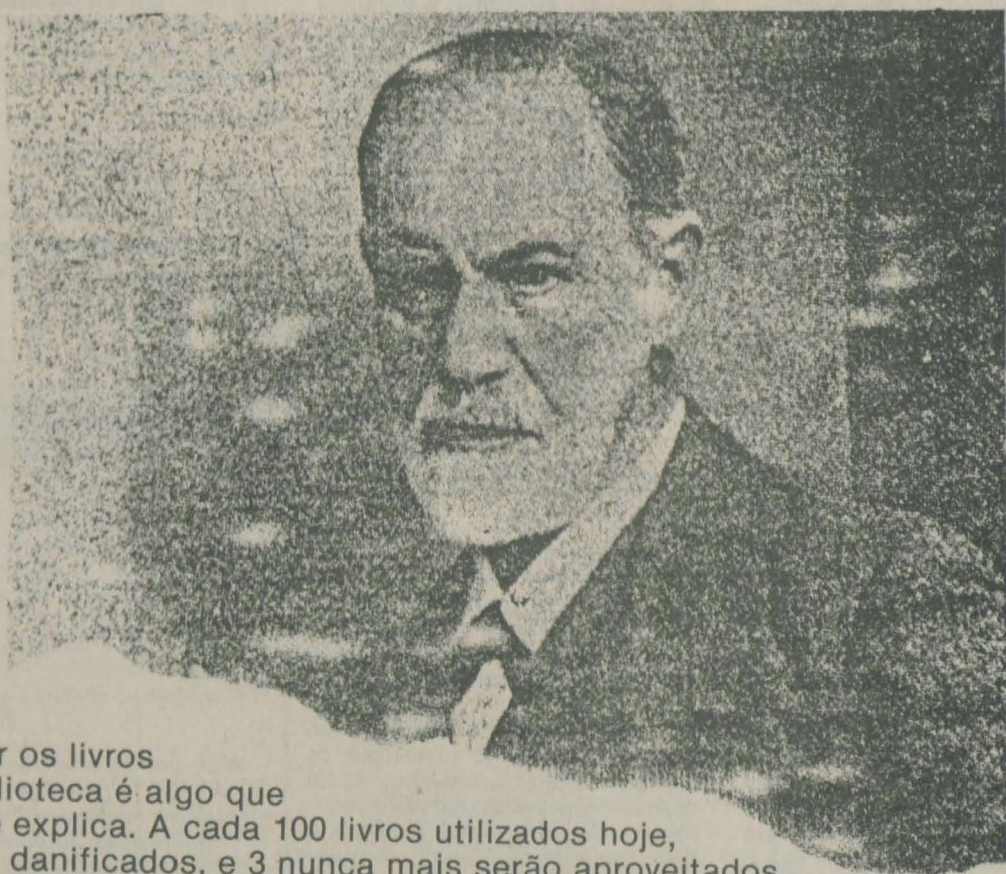
VESTIBULAR — A partir de 88, o candidato ao vestibular da UnB não terá mais direito a escolher três ou quatro de cursos na hora da inscrição. Agora, só haverá uma opção de inscrição e isto, certamente, evitará que se cursem disciplinas sem a menor vocação, apenas para passar no vestibular. Outra mudança é a da abertura das provas para estudantes de todo o País, que poderão se inscrever pelos Correios. As inscrições começam no dia três de novembro e as provas serão na primeira semana de janeiro. O preço da inscrição também mudou: agora é de Cr\$ 550,00.

BANCOS — Quem estava preocupado com a diminuição do número de banco, aqueles de madeira e ferro que foram colocados em vários pontos da Universidade, podem ficar mais descansados. É que muitos departamentos resolveram tirar os bancos debaixo das árvores para colocar em corredores mais próximos. Quem não deve estar muito contente com estas medidas são os namorados e aqueles que, depois de bandejar, davam uma boa descansada numa sombra de árvore, ouvindo o som dos passarinhos.

Assim como no caso da exploração da mão-de-obra barata no campo, a figura do "gato" existe também aqui em Brasília, dentro das repartições e das universidades. Eles são os intermediários entre o órgão empregador e o empregado, "atravessando o dinheiro dos cofres públicos e enchendo o próprio bolso, utilizando-se da força de trabalho dos outros", segundo os próprios trabalhadores. As três empresas deste tipo que atuam na área da UnB são: a Confederal, na área de limpeza, e as empresas Cleannaster Ceará e Pró-Jardim, ambas na área da conservação dos jardins da Universidade.

Vários métodos seriam utilizados para manter a exploração destes tra-

NEM FREUD EXPLICA



BIBLIOTECA CENTRAL
Universidade de Brasília

Faltam ônibus na Universidade

A Universidade de Brasília não tem um sistema de transporte, que atenda o número de pessoas que comparecem diariamente à Universidade. Os ônibus que circulam na UnB são em número reduzido, não possuem horários específicos, além de frota da linha UnB cair para a metade à noite e nos fins de semana.

Um exemplo dessa deficiência é a linha de ônibus 139, que faz o percurso W3-L2 Norte — UnB. Existe apenas um ônibus que circula entre o início e após o término das aulas, tanto no período da manhã quanto da tarde, ou seja, apenas um ônibus para atender toda a população da Asa Norte.

Segundo Joana Coeli, estudante do Departamento de Pedagogia, a Universidade parece não perceber essa grande deficiência de transportes para o aluno, talvez pelo fato do estacionamento estar diariamente superlotado. Porém, em dias de chuva, o problema torna-se patente, por ser impossível chegar à UNB sem um banho imprevisto. Para Joana, uma solução seria o aumento da frota que atende a Universidade, o que significaria maior circulação de ônibus, diminuindo o tempo de espera.

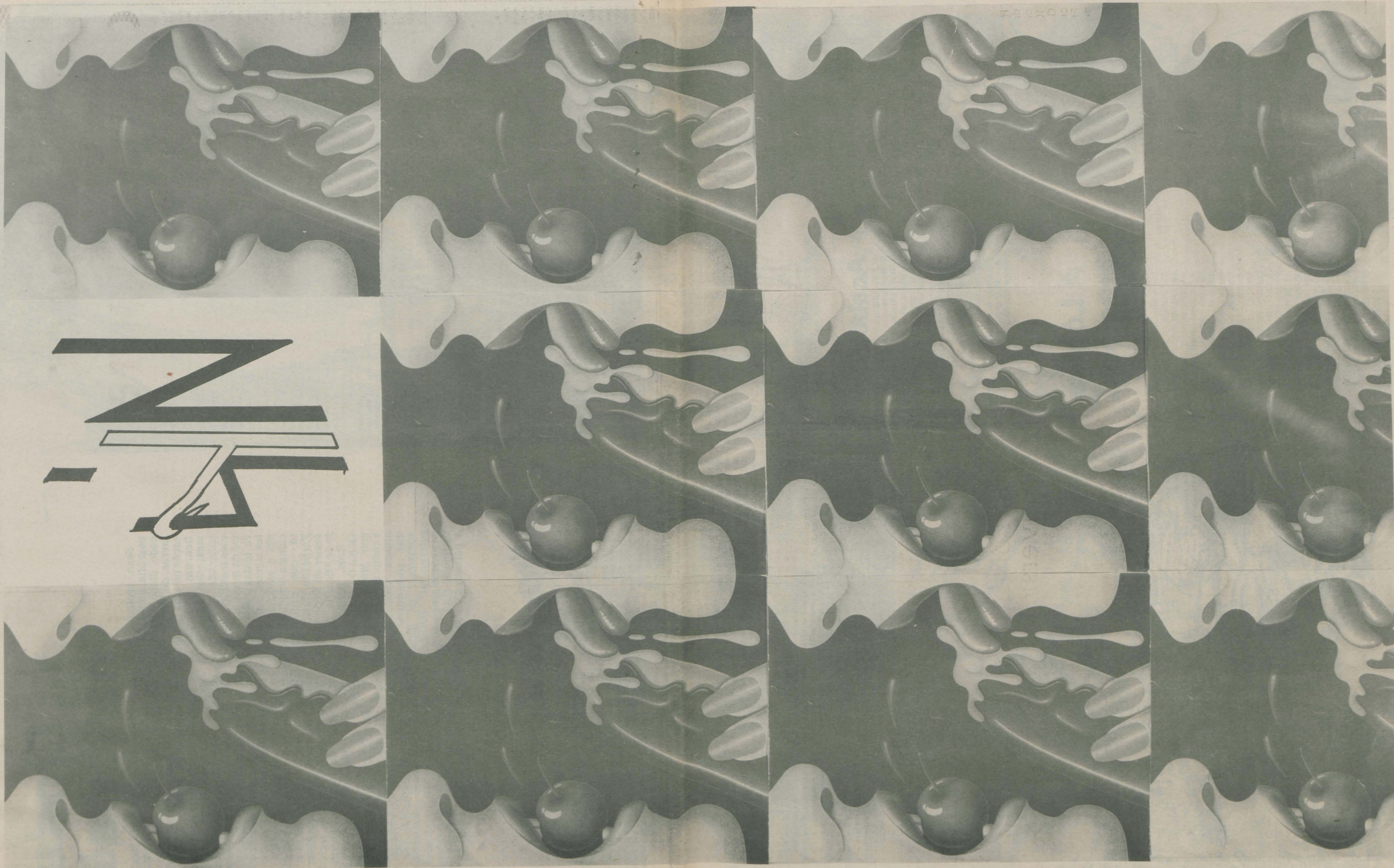
Todavia, a dificuldade de locomoção não é sentida apenas pelos estudantes, que não possuem condução



própria. "Os funcionários das firmas prestadoras de serviços não têm condução, assim como os funcionários da UnB", explicação dada por Maria José Lima Ferreira, funcionária da firma Pró-Jardim (empresa encarregada da conservação a manutenção dos jardins da Universidade). De sua casa, na expansão do setor "O", até a UnB gasta em torno de duas horas, desperdiçando todos os dias quatro horas em transporte. Enfrenta, ainda outro sério problema: após às 18 horas não existem ônibus para as cidades-satélites, sendo necessário, para chegar em casa, tomar dois ônibus, o que leva mais tempo e custa mais caro.

cionários. Para reduzir esta quantia, foi criada uma comissão de estudos, que, segundo Flávio Versiani, Decano de Administração e Finanças e integrante da comissão, "tinha como finalidade, apresentar um diagnóstico do problema e encontrar uma solução mais adequada".

RICARDO BATISTA

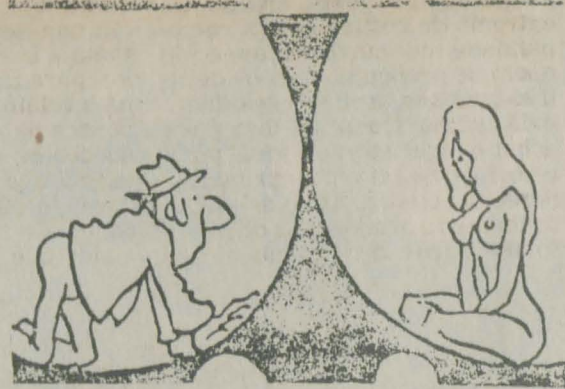




O Minuto Depois

Nudez, último véu da alma que ainda assim prossegue absconsa. A linguagem fértil do corpo não a detecta nem decifra. Mais além da pele, dos músculos, dos nervos, do sangue, dos ossos, recusa o íntimo contato, o casamento floral, o abraço divinizante da matéria inebriada para sempre pela sublime conjunção. Ai de nós, mendigos famintos; Pressentimos só as migalhas desse banquete além das nuvens contingentes de nossa carne. E por isso a volúpia é triste um minuto depois do êxtase.

Carlos Drummond de Andrade



Acabou-se

ACABOU-SE
É, acabou-se...
E ela era tão doce!
Não tenho mais o prazer de sentir sua carne vermelha e macia em minha boca
Não tenho mais o prazer de banhar seu corpo no leite e me deliciar
hoje acabou. Acabou tudo
Aquele êxtase que me seduzia todos os dias está acabado
Mas não há de ser nada
Amanhã eu compro
Outra goiabada

Fernando Molina

A Lógica Irrracional

Foi preciso conhecer você para descobrir que a idade cronológica é um mito, uma ficção do espírito. Quando na sua presença, sou um menino indefeso, uma criança insegura. A fortaleza construída desmorona. Agora estou esmagado, balançando na corda bamba dos seus sentimentos revelados ou sugeridos. Queria ler sua mente, controlar seu espírito, domar sua alma. Agora que me decifrou, devora-me.

Não há como deixar de pensar em você. Desenhar seu rosto e ouvir sua voz sussurrar algo indecifrável. Não finge que não me tem a seus pés. Você venceu sem precisar lutar. Vem, meu espelho, reflita-se em mim.

RICARDO MIRANDA FILHO



Eros e D

na terra do

Sexo, erotismo, pornografia, anomalia, pecado, diabo. Essas palavras, de forte significação na vida humana, ficaram atiradas à aleatoriedade, após a enxurrada de informações trazidas pelo dilúvio da mass mídia. Para tentar resgatar estes signos, transformados e esvaziados pela cultura ocidental, cristã, que procuramos Fernando Bastos, professor do Departamento de Filosofia.

Eros, termo grego (ΕΡΑΣ), significa unir. Mas é necessário a compreensão de mais alguns termos para que possamos nos aproximar de algum referencial. ΒΑΛΛΩ, no mesmo grego, tem o sentido de guiar, levar. A palavra ΔΙΑ signifi-

ca separar, e SYN quer dizer juntar. Logo, 'simbólico' é reunir, e 'diabólico' é separar. Daí pode-se dizer, para a surpresa de muitos, que o erótico é simbólico, e não diabólico.

Para Eodoro de Souza, um mundo onde não se é o João nem a Maria, mas sim um número, uma conta bancária, uma posição social, é um mundo diabólico. Um mundo onde o ter prevalece sobre o ser. E é exatamente neste mundo em que vivemos.

O sexual pode ser erótico. Nem todo o é necessariamente. Para isso compreende-se o "pornográfico". Os dicionários da nossa língua dão à pornografia o sentido de obscenidade; que fere o pu-

dor. Bastos colocou o termo pornografia a serviço da fanação da sacralização do erotismo. Por isso, aqui, tem o sentido de alienação, não o erótico (união simbólica, o pânico, a riqueza, e a pobreza. Eros é o nome de semideus. Filho de Eros, a riqueza, e a pobreza. Eros é o êxtase quando d e se incorpora em guém. Neste ponto se assemelha a Or entidade do Cand blé.

Êxtase, reunião do mem com o outro. ra Fernando Ba existem três tipos b cos de êxtase: o ex

Afro-Beat

GIVE IT UP! SEX MACHINE! GIVE IT UP!

Já faz tempo. James Brown na tela da TV despejando essas palavras pelo pequeno alto-falante, que de repente se tornou grande com a voz do "Pai do Soul". Mas não estava apenas nas palavras a força, a sensualidade. Cada gesto, cada acorde, e os olhos brilhando com uma alegria que eu nunca tinha visto. SEX MACHINE! YEAH!

Depois dessa vieram muitas. Chaka Khan, Prince, Aretha Franklin e Kurtis Blow, filho da mais nova cria do Soul, o Rap. Todos com um feeling de derreter iceberg na Antártida. E mole ou quer mais? Se você esquecer um pouquinho mais para baixo no mapa-mundi vai parar no Paraíso Caliente, o Caribe.

Daquelas ilhas sai a música mais quente dessas Américas. Em Cuba todos rebolam ao som da Salsa. Na Jamaica o Rub-a-Dub de Yellowman e companhia conseguiu fazer o politizado Reggae voltar às suas origens, o suingado e safado Mento. Em todo o arquipélago o forró é feito com a Soca, filha bastarda da Soul Music e do Calypso, o ritmo que está criando problemas em Trinidad Tobago, onde foi proibido por falar de política e sacanagem com o mesmo pique.

Se você for aventureiro e atravessar o Atlântico vai encontrar a origem de tudo, a grande Mãe-Africa, que é representada nos mapas bem menor do que é realmente. De lá saíram acorrentados os reis, as princesas, os sacerdotes, os guerreiros, crianças de várias nações importantes e que nada tinham de selvagem ou primitivo. E de repente eles se encontraram no outro lado de um mundo desconhecido, dispersos, confusos, aprisionados. O que você faria? Eles lutaram, e lutam, todas as suas armas, e uma delas está conquistando o mundo. Chame de Soul, Funk, Reggae, Ijexá, Salsa, Samba, Pachanga ou Umbanda, cada ritmo representa uma nação, tem um significado. Ijexá é para dançar e meditar, chamar suas Iabás. Funk é sensual, histórias de amor e paixão. Reggae é bandeira de luta pelo reconhecimento de seus irmãos.

O que liga todos na mesma pulsação é a mesma alegria, a musicalidade como a própria visão de mundo e meio de comunicação que é massa. Tocar tambores para avisar que o filho nasceu, que está triste, que vai entrar em guerra. O sentimento corre no sangue e toma o mundo no delírio dos ritmos e da dança. E o fogo e a água, a terra e o ar. E homem e mulher. E vida. Hélio Franco

SENSUALIDADE

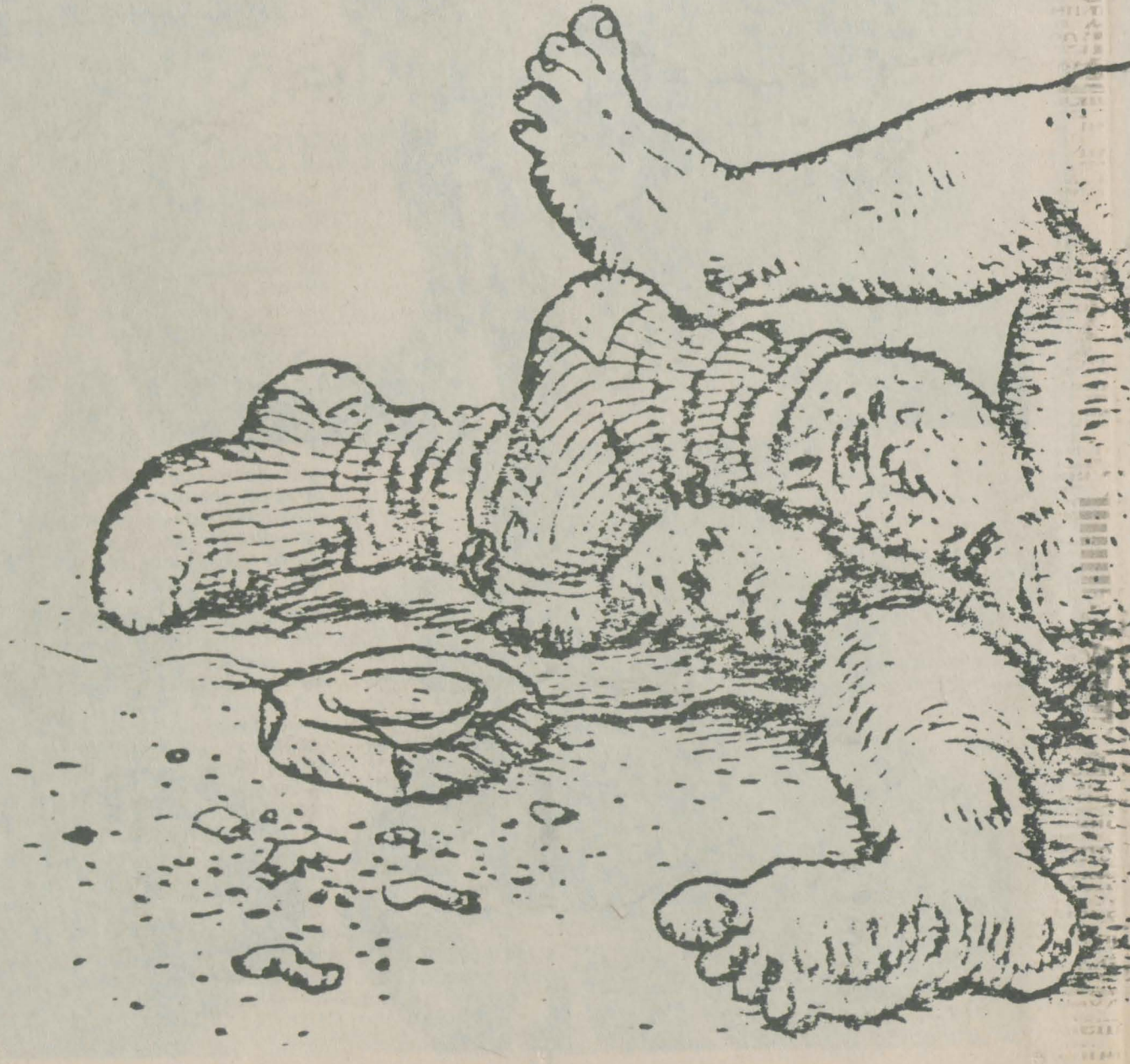
Ela anda rebolando a bunda De esquerda para direita... E olha todo mundo; Olhando e babando E se satisfaz.

Frank Joachim Ouf

TOQUE

O teu tato tatua minha alma de arrepios. Tarado que sou por ti, deixo-me arrepiar e gemo. Claro, teu toque toca fur nos nervos. E aí reflete na pele Clara, fica áspera, e te entreabro meus olhos e me contorço. Torço para não parares. Rio, choro. Tudo que é teu fica em mim. Grito: não soites! Calo: o sonho é mais forte. Trrrrriiiiiiiiiimmm...

Florian F



Diabo êxtase

a co-
pro-
liza-
rofa-
sen-
En-
(o) é
grá-
dia-
ar o
de
de
rega
um
Pó-
nia,
ausa
esce
a al-
ele
rixá,
lom-
o ho-
Pa-
stos
ási-
rôti-

co, o estético e o reli-
gioso.

Platão, em seu Ban-
quete, diz que o Amor
(Eros) é ao mesmo
tempo impetuoso e
tímido. Ele avança, ele
investe, mas também
recua e é temeroso. A
impetuosidade é carac-
terística herdada de
seu pai, Póros. A timi-
dez é de sua mãe, Pe-
nia, a pobreza.

A visão socialista
tende a repartir os
bens, a comungar. Um
mundo, socialista é a
princípio, sem divisão
de classes, sem a espe-
culação, sem a conço-
rência aliada ao lucro.
Ele vai no sentido de
integrar as pessoas, de
unir. Aliar as pessoas
ao trabalho que fazem,
aliar o produto a quem
trabalhou. Este é o ar-
gumento de Ernesto

Cardenal quando afir-
ma ter sido a Bíblia o
primeiro livro comu-
nista escrito no mundo.

Hoje em dia temos a
figura do diabo perso-
nificada e conhecida
até mesmo por crian-
ças. Enquanto isto
Eros está refugiado
nos livros clássicos só
cultivados e estudados
por um reduzidíssimo
número de pesquisado-
res. Fica difícil discor-
dar de Eodoro de Souza
quando ele diz que vi-
vemos em tempos dia-
bólicos.

Fernando Molina

*Fernando Bastos rende
homenagem a Eodoro de
Souza, seu mestre,
falecido em setembro
deste ano.*

**“SIM É A
RESPOSTA”**

John Lennon

“Não há nada de conclusi-
vo no fato bem conhecido de
que a maioria dos homens e
das mulheres não é capaz
das proezas sexuais que as
pessoas aparentam desem-
penhar na pornografia; que o
tamanho dos órgãos, o núme-
ro e a duração dos orgasmos,
a variedade e a praticabili-
dade dos poderes sexuais,
bem como o total de energia
sexual são grosseiramente
exagerados. É correto, da
mesma maneira, que as na-
ves espaciais e os incontá-
veis planetas retratados nos
romances de ficção cinética
também não existem... A
pornografia que é autêntica
literatura visa “excitar” da
mesma forma que os livros
que revelam uma forma ex-
trema de experiência religio-
sa têm como propósito “con-
verter”.

SUSAN SONTAG.



Suzane Dobal



Desencontro

O que rola fora o erotismo?
Andróides, individualismo, lou-
cura da Betty Blue, expectati-
vas dos homens e das mulheres,
um em relação ao outro, que se
chocam e se esfacelam.

Ele se diz fraco, precisa dela.
Ela se diz autônoma incompleta,
precisa dele. Ele quer a criação,
e isso será tanto mais prazeroso
quanto mais arbitrário, menos
disciplinado. Existe uma faixa
etária de mais ou menos 25 anos,
masculina, que está paralisada
em seus apartamentos peque-
nos, sufocada pelas suas pró-
prias criações, pela impossibili-
dade de dar vazão a elas. Eles
esperam a aparição de um
equilíbrio contagiante que traga
a solução de tudo, que abra as
portas e escancare as janelas,
que os liberte daquele clima
abafado onde sobrevivem cada
vez mais apertados com a proli-
feração alucinada e contida de
pedaços deles mesmos. Espe-
ram que alguém os jogue pela
janela, que sejam arremessados
para o mundo.

Na forma que deram para ela
estavam previstos o equilíbrio, a
paciência, às vezes levada ao
extremo da resignação, a racio-
nalidade de curto alcance de
quem se preocupa com os deta-
lhes práticos, a meticulosidade,
a disciplina. Quem melhor para
achar o lugar eterno e ideal para
o abrigo de latas sempre desa-
parecido, ou organizar as idéias
brilhantes e desconexas do rotei-
ro, dos livros, dos desenhos, das

obras irrealizadas? Mas ela não
quer mais ficar com a toalha es-
tendida, quer entrar nessa ban-
heira com ele. Quando procura
um par, ela não quer suprir pa-
péis que desconhece, quer com-
partilhar as maneiras diferentes
de exercer papéis que se asse-
melham ou se completam. Ele
levanta a forma e ela não tem o
formato previsto, ela explorou
outros lados nessas últimas dé-
cadas e ele nem percebeu que
não eram só elas que estavam
aprisionadas em papéis prede-
terminados. Ele cortou a péra
na horizontal: onde está o outro
pedaço tão diferente de mim?
Ela cortou na vertical: onde está
o outro pedaço que me comple-
ta?

Um amigo, que ainda está
com o pedaço da pera cortada
na horizontal, lembra de Betty
Blue atirando as coisas pela ja-
nela. Ela é a personagem do fil-
me de Jean Jacques Bernier,
uma história de amor e morte
nos anos oitenta. Ela é quem
vem libertar o grande escritor
da sua vida medíocre. Joga os
objetos para fora pela janela da
casa e depois toca fogo em tudo.
Diz que ele é um bom escritor e
toma a iniciativa de enviar o li-
vro para um editor. Aqui termi-
na o relato do amigo com o seu
pedaço de péra na mão. Ele es-
queceu de contar que ela enlou-
queceu, que ela não consegue li-
dar com ela mesma, que de re-
pente ela se vê diante de algo
maior que o equilíbrio que lhe

ensinam a ter e por isso precisa
dele também. “Crônica de um
Amor Louco”, filme de Marco
Ferrerri baseado num conato de
Charles Bukowski. Dois perso-
nagens angustiados não conse-
guem se atingir. Ele um grande
escritor, eterno marginal por-
que não cabe na ordem do mun-
do. Ela, tão bela, se suicida.

Nesses desencontros lidos pe-
los homens parece sobrar sem-
pre um final trágico para as mu-
lheres. Mas ela se liberta da sua
angústia com a morte, enquanto
ele fica num profundo desampa-
ro. O trágico está em quem so-
breve, protagonista pela tan-
gente. Na vida real, sobrevivem
os homens e as mulheres,
tracassadas as expectativas
mútuas, o desamparo é geral.

Suzane Dobal



Erotismo

O que é erotismo? Como dis-
se a escritora Lúcia Castello
Branco em seu livro O QUE É
EROTISMO: “... Verbalizá-lo é
uma tentativa absurda...”. Po-
rém, vale a pena transcrever
algumas definições para en-
contrarmos, talvez, uma con-
clusão mais aceita por todos.
Deve-se observar uma tendên-
cia generalizada para definir

erotismo como o reencontro, a
“re-união”.

Freud definiu o Erotismo co-
mo sendo o “impulso erótico”,
o qual o desejo de união (ser
um) com os objetos do mundo.
Esta definição assemelha-se
muito com a de Aristóteles,
um dos filósofos gregos que
participaram do Banquete es-
crito por Platão.

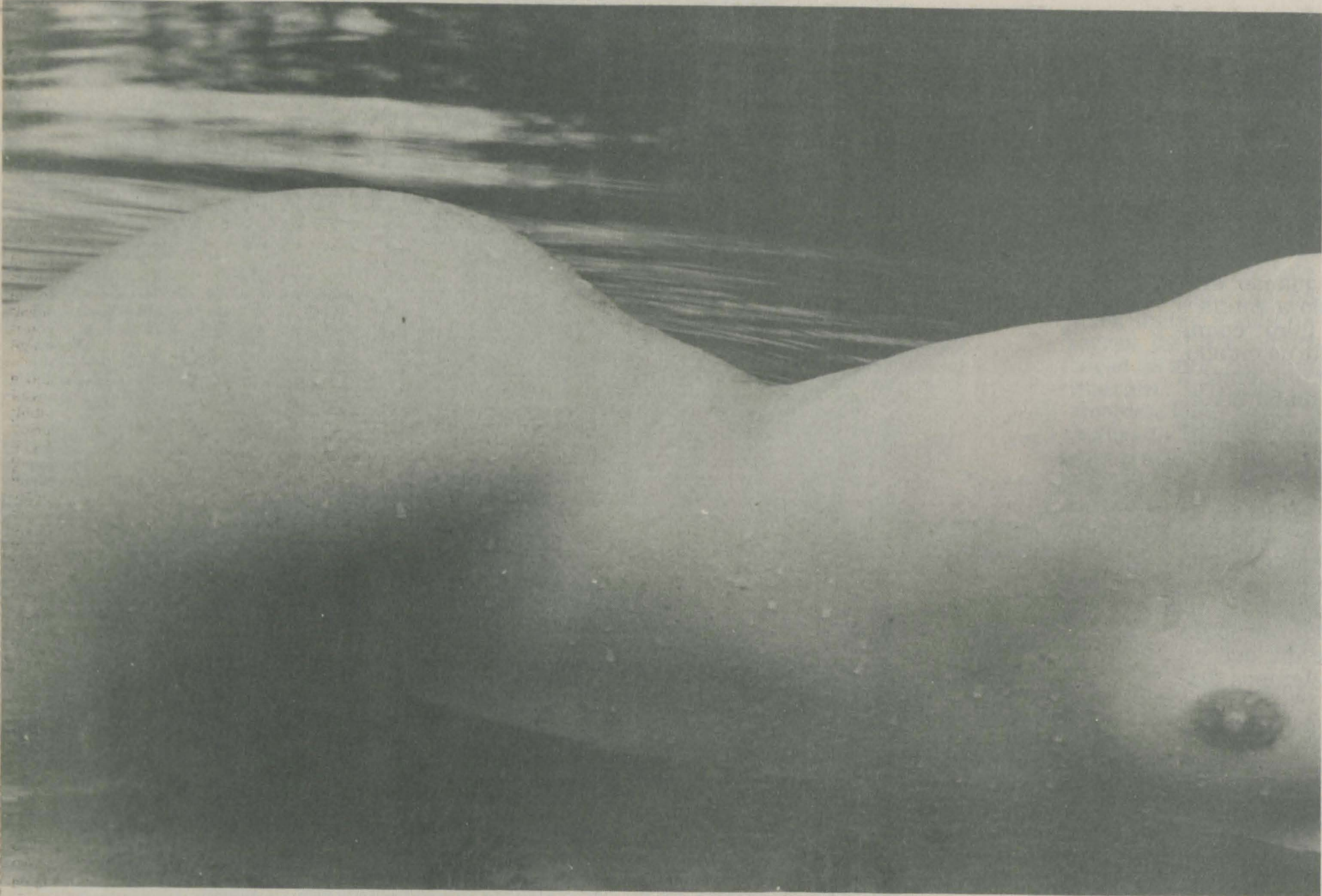
No livro o Banquete, encon-
tramos a seguinte menção aos
Deus Eros: “Antes do surgi-
mento de Eros, a humanidade
se compunha de três sexos: o
masculino, o feminino e o an-
drógino, que eram seres redon-
dos e possuíam quatro mãos,
quatro pernas, duas faces, dois
genitais, quatro orelhas e uma
cabeça. Esses seres tornaram-
se muito poderosos e resolve-
ram desafiar os deuses, sendo
por isso castigado por Zeus,
que decidiu cortá-los em duas
partes, tornando-os, assim,
mais numerosos, úteis e fracos
diante dele”.

A partir dessa cisão o deus
Eros passou a existir, repre-
sentando uma busca constante
do reencontro, da permanência
que muitos poetas, sexólogos,
maníacos e oportunistas tenta-
ram verbalizar, escrevendo a
linguagem do desejo, da “re-
união”, procurando decifrar o
enigma do amor.

O erotismo, ainda, se articu-
la em dois movimentos opo-
stos: busca da continuidade dos
seres humanos em uma tenta-
tiva de permanência, versando
sobre a impossibilidade de su-
perar a morte.

Definir Erotismo é percorrer
os caminhos traçados por Eros
que são infinitos, os quais ten-
dem para o Absoluto, Uno ou
Deus. Portanto através desse
magnetismo único, o Erotismo
é a arma mais viável de pro-
criação da sociedade, sem da-
nificar ou vitimar os in-
divíduos. A busca espontânea
por outro ente é incontestável,
pois a sua permanência e con-
tinuidade como um ser, transpõe
limites e repressões.

Allene Coutinho -
Fausy Solino



Uma pássara passou
Não sei se foi
Não sei se vai
Só sei que
Uma pássara passou
E deslizou sua língua rósea
Em meus lábios
Rocou seus seios em minha pele
Não sei se gostei
Não sei
Só sei que meu coração parou
Desde o primeiro toque
Uma pássara pousou
em meu peito
Não sei “porque”
Só sei que suas asas se abraçaram
Senti um enorme prazer
Tê-la ao meu lado
Na gaiola dos sonhos
Mas a pássara sempre passa
Não sei se foi
Não sei se vai
Só sei que torno a estar só
E o velho coração volta a bater...

José Carlos Anatoly

Atrás da igreja eu gozei.
Gozei com a lua, com a neblina, com minha pele junto às paredes descascadas, com o chão frio da madrugada.
Gozei com os olhos que observaram meu corpo de longe, com o dedo que contornou meu rosto e me fez pura, com o dedo que me deixou só, corpo e prazer e me fez puta.
Gozei de desejo por querer tê-lo dentro de mim. E eu dentro dele...
Quis a boca e a língua que lambia mel (escorreu...), quis a voz cantando Luis Melodia, quis o cabelo de suor e de água da bica.
Não quis ouvir “Eu te amo” depois do amor inteiro de mãos, pés e sexos.
No seio eu tinha coração e tesão, no umbigo, arrepio...
As estrelas piscavam em contração e eu encontrei os duendes na dança descontrolada do meu corpo.
No meio de caras e bocas, rostos e corpos, eu escolhi o dele...

Daniella Goulart

“O amor, como se fosse uma dança”

Um sonho, um baile, uma dança numa noite em que o sim e o não deixa de fazer sentido, onde os beijos são beijos e, por eles, não há acordar nem sobressaltar, nem morrer.

Sinto que não há nesta noite lugar para além de nós dois. Seus segredos são só meus, os meus só seus, e não vemos nesta dança motivos para confissões ou perguntas, pois creio que a música esta noite fala por nós.

Um candelabro, uma vela, uma garrafa de vinho tinto. Doces lembranças de carinhos e carícias por vir. My one and only love, seu cheiro faz com que eu me perca numa doce entrega. A love for all seasons, lenta e ri ri-bombante tempestade que me destrói sem deixar sinal de sua passagem.

Não seria isso uma contradição? Foi seu amor, do mesmo modo, que me reconstruiu das cinzas de um outro grande amor. Uma flor, dois delicados cálices de cristal. Quero mostrar minha gratidão e é por isso que beijo suas pernas como se beijasse algo santo. Ah, quem dera fossem os santos tão atenciosos diante dos meus apelos...

Abençoa-nos a divina e suave neve que lá fora cai, enquanto nos enlaçamos em danças regidas pela volúpia. Morno fogo fátuo que agora nos aquece e nos lambe como se fôssemos algo combustível, o que não somos, muito embora tenhamos que o amor que nos envolve o seja. Se assim for, sabemos que esse amor nos deixará a sentir frio por dentro.

Uma janela, um panô, uma orquestra. Você me beija as costas dizendo coisas nunca d’antes arriscadas e, apesar de sua entrega, vejo sinais de novas tempestades.

No entanto, que posso eu fazer se estou entregue ao fogo inquieto do meu coração?

Assim prossegue o baile, e a orquestra finge não ver o improviso em nossa suite amorosa. Finge não saber que não seguimos nem ritmo nem partitura. Prefere, enfim, não nos dizer que a cada nota em falso haveremos de ferir nossos ouvidos e corações inexperientes.

Um corte, uma lágrima, um adeus.

MÁRIO SALIMON

Se não há mais gosto
aroma
sabor
ou razão
(tesão?)
Melhor ter nos olhos
loucos
loucos sonhos azuis
Ou as sombras de um mundo
(dimensão)
que não mortos
não vivos
definham no espaço
no tempo no ar

Giselle Chassot

Ó símbolo da fecundidade, Ó pilar que penetra a natureza Ó criador dos seres carnaís..., Ó falo, sobre o qual eu falo...

Frank Joachim Ooft



OVO



“E DEUS DISSE A NOÉ: SEDE FECUNDO, MULTIPLICAÍ-VOS E ENCHEI A TERRA”

GENESIS

E no princípio era o OVO. Símbolo da fertilidade, nascimento, vida. Alimento. E no entanto foi ferozmente atirado em Kissinger e sua Gang, quando por aqui passaram. Mais uma vez, é tão simples! A comunicação sempre existirá. Mesmo que tentem aprisioná-la, utilizando-se para isto de todos os instrumentos do autoritarismo, ela vai escapar por entre as barras ou frestras da cela. Mas de que forma? Uma luz? Leiser? Um verso? Um grito ou um gesto? Daí O OVO que lhes atiramos, e que era só o princípio.

Fernando Molina

SYN — Suplemento do “Campus” nº 108

Editores: Andréa Moraes, Andrea Quintiere, Giuliana Morrone e Militão Ricardo.

Colaboradores: Paulo Cabral, Fernando Molina, Nathália Kneipp, Renata Azambuja e Fernando Bastos.

Capa: Susana Dobal
Reproduções Fotográficas: César Mendes
Diagramação: Andrea Quintiere e Maria Rita Leal.

Éramos Eros

Nos vemos.

Sinais emitidos recebidos. Choques e fagulhas, energia taquicardia

vai-se a prudência instala-se

a ponte para a loucura O brilho da fala denuncia e mascara

o desejo, investiga o possível sem pressa somos

donos dos ponteiros e calendários em estado de graça

temos passaporte para a viagem do tato a topografia de nossas peles, pêlos. Arrepios sem culpa

pelo prazer sem prazos. Enfrentamos nosso enigma celebramos Eros

nos habituais ritos ritmos e risos, anunciamos nos gritos o céu

partilhado em nossos suores salivas e selvas misturados

Luiz Humberto



Perder-se por aqui é comum

A falta de sinalização adequada às necessidades de uma área de 40 mil metros quadrados que é freqüentada diariamente por 10 mil alunos, 900 professores e mais de 2 mil funcionários, faz com que o conceito de uma universidade com o porte da UnB fique seriamente comprometida.

Não é difícil perceber as falhas da comunicação interna na Universidade. Para quem vem de ônibus, por exemplo, os problemas começam já na L-2, pois a única referência que se tem da localização da UnB, é sua proximidade do Hospital Presidente Médici. Descendo ali, o acesso é difícil e acidentado e a melhor sinalização é o "caminho de formiga" deixado por milhares de alunos e funcionários que por ele passam todos os dias. Além disso, no próprio Campus da UnB, há dificuldade para se locomover, pois as poucas placas de sinalização existentes não estão devidamente atualizadas, os quadros de avisos são ultrapassados e inexistem pessoas habilitadas a prestar informações.

Os alunos são os mais prejudicados, principalmente os calouros que ainda não sabem se localizar dentro da Universidade. "A gente fica desorientada no Ceubinho, não sabe qual é a Asa Sul e qual é a Ala Norte, ou onde fica a B1 e a B2. Esses dias eu fiquei procurando a B1-19 e não encontrei, pois -ão havia nenhuma placa", afirma Anna Luiza, aluna do 2º semestre de Administração. "Ninguém dava informação e quando eu encontrava um engracadinho que percebia que eu não entendia nada, ainda dava a indicação errada", continua ela. As alunas Cláudia Garcia e Simone Maria, ambas do 8º semestre de Arquitetura, vão mais longe. "A sinalização da UnB, tanto interna quanto externa, é praticamente nula. As pessoas de fora não sabem onde fica nada e os calouros ficam totalmente perdidos". Segundo elas, a pouca sinalização existente é falha, como no caso, por exemplo, do Minhocão, onde as poucas placas existentes deixam muito a desejar. Além disso, "o livro de sinalização que os calouros recebem ao ingressarem na UnB está totalmente desatualizado", afirma Cláudia. Já encontrei gente do Bandedão, perguntando onde era a Biblioteca", acrescenta Simone.

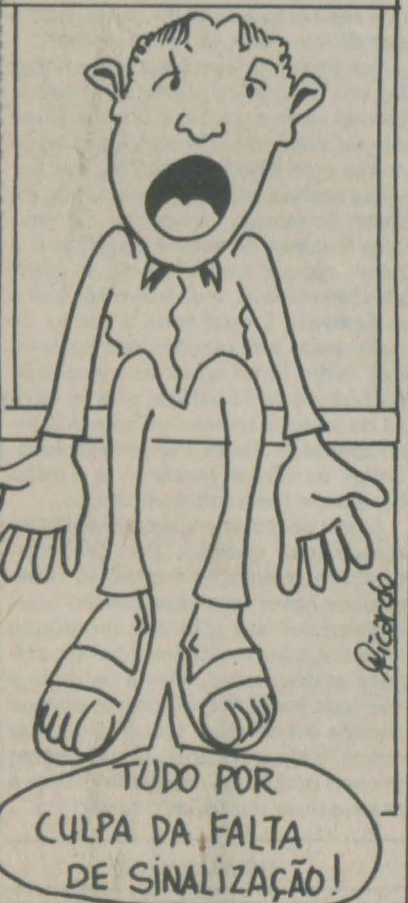
Atualmente, Cláudia e Simone fazem uma matéria cujo trabalho final é apresentar uma melhor sinalização para UnB. Nesta matéria, a turma se divide em grupos responsáveis por cada prédio isoladamente. Segundo elas, isso é feito todos os semestres, porém o projeto final não é proposto à Reitoria, pois "não há um interesse da UnB em implantá-lo".

O Departamento de Arquitetura não é o único a criar um projeto nessa área. O laboratório de Relações Públicas do Departamento de Comunicação desenvolveu, no primeiro semestre de 1986, sob a supervisão do professor João Bosco Serra e Gurgel, um projeto de Comunicação Interna no Campus da UnB. Compreendendo as mais modernas técnicas de Relações Públicas, que vão desde estandes, mapas de localização e recepcionistas até terminais de vídeo e equipamento de som, o projeto destina-se a implantar um sistema de comunicação interna que facilite a identificação, o acesso e o atendimento dos públicos internos (lunos, professores, funcionários) e externo visitante, comunidade em geral) que procurem a universidade. Além disso, esse projeto proporcionaria estágio e experiência a muitos alunos da UnB, pois vários departamentos estariam intimamente ligados a ele, como o Departamento de Comunicação, Arquitetura e o de Processamento de Dados.

Entretanto, o projeto esbarra em um problema: a falta de verbas disponíveis na UnB não permite que um projeto desse porte seja desenvolvido, pois atualmente, o minguado orçamento que o MEC destina à Universidade mal dá para pagar as contas.

VALERIA CRISTINA CASTANHO

ACHADOS E PERDIDOS



Caça aos picaretas ou às bruxas?

Depois da notícia de que o Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação está preparando uma lista negra de professores que não produzem trabalhos científicos desde 1980, para puni-los, o professor Sadi Dal Rosso, presidente da ADUnB, recebeu uma série de telefonemas. Do outro lado da linha estavam professores descontentes com o fato das ameaças de demissão terem sido veiculadas pela imprensa, ao invés do decano Isaac Roitman, da Pesquisa e Pós-Graduação, ter levado o assunto aos professores, em primeiro lugar.

"Pode até ser verdadeiro o fato dos professores não terem enviado os seus currículos", disse Sadi Dal Rosso se referindo ao pedido feito pelo reitor, "mas o canal que a reitoria escolheu vai levar a uma caça às bruxas, criando casos de bode expiatório". Para o presidente da ADUnB, uma avaliação de professores deve ser global, incluindo a instituição. E, a partir daí, formular-se uma "ação política coordenada e planejada da instituição, começando pelo reitor e atingindo a administração, órgãos colegiados, departamentos e docentes. Deve-se formalizar um instrumento que obrigue a instituição a produzir. A ameaça não resolve", colocou com um ar de preocupação.

Concordou em gênero e número o professor Antônio Ibanez, da Engenharia Mecânica e ex-presidente da ADUnB. "Não há interesse por parte da Reitoria em resolver a questão e sim, de causar impacto". Para Ibanez, pode se instalar um verdadeiro clima de terror entre os professores, que, fora da Universidade, teriam que provar que não são picaretas. "Tem gente que pesquisa, mas não faz relatório porque acha que dá trabalho", explicou. Ele acha que o gesto da Reitoria de ameaçar com demissões foi precipitado, porque o resultado dos estudos da Comissão de Avaliação Institucional, formada ano passado, nem saiu ainda.

Acontece que são "coisas com finalidades diferentes. O professor Isaac quer estimular a produção da Universidade, e o nosso objetivo não é classificar indivíduos, mas subsidiar os professores, departamentos, faculdades, institutos e a reitoria com elementos para melhorar o funcionamento da UnB", esclareceu a professora Isaura Belloni, coordenadora da Comissão. Para ela, a pesquisa da reitoria e o trabalho da Comissão são independentes e podem caminhar juntos. "O que fazer com o resultado é uma decisão departamental e da administração".

Para os professores, tudo bem, a UnB deve avaliá-los. Mas discordam da maneira como o assunto está sendo tratado. Como disse o presidente da ADUnB: "Ameaça só, não resolve. A avaliação deve ser global".



"PICARETA" É NOME FEIO?

Para a professora da Educação, Lucília Alencar, as funções de um professor não se resumem à publicação de trabalhos científicos, e uma avaliação que não considera a qualidade destes trabalhos, mas apenas seu número, está longe de ser completa. Foi por isso que o seu departamento já se reuniu para redigir um documento repudiando a atitude da Reitoria. Para Lucília, houve sensacionalismo da imprensa nessa história — "a palavra picareta não se adapta a um ambiente universitário".

Para Sadi, o problema não está na imprensa mas no fato de que "há dois anos foi eleita uma administração que não sacudiu o ensino na Universidade e não cumpriu o seu papel". Ele acha que o ensino não vai melhorar só em função da produção científica. "A extensão e o ensino não são avaliados pelo Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação, que faz o trabalho pela metade".

Pelo menos em um ponto todos os entrevistados concordam: não se pode acobertar os professores que não trabalham.

FLORIANO FILHO

GOIANOBYL

Síndrome do césio chega a Brasília

O Departamento de Física da UnB tem recebido consultas curiosas nos últimos dias. Uma pessoa que assistiu aos espetáculos do circo de Moscou, aqui em Brasília, queria saber se havia risco de contaminação radioativa, uma vez que o circo havia, antes, estado em Goiânia. Outra pessoa pediu para utilizar o contador Geiger da UnB porque desconfiava que seu carro, comprado em Goiânia, estava contaminado.

A professora Deise Agrelo, PhD em Física Nuclear pela Universidade Oxford na Inglaterra, que tem recebido os telefonemas, diz que não há motivo para pânico. "São as pessoas que entraram em contato direto com o elemento químico Césio 137 que estão contaminadas. Diferente do que aconteceu em Chernobyl, onde houve uma explosão e o gás se expandiu por toda a Europa, em Goiânia foram 100 gramas do elemento químico que inadvertidamente se espalharam por alguns pontos da cidade", explica.

ALERTA

Acusando a CNEN — Comissão Nacional de Energia Nuclear — de negligência e ineficiência na fiscalização e controle dos equipamentos de radioterapia, Deise Agrelo faz um alerta: "Acidente como o que aconteceu em Goiânia com a bomba de Césio 137 pode ocorrer a qualquer momento em qualquer lugar do Brasil". Segundo a professora, é um absurdo um bar ser fiscalizado de 15 em 15 dias e os aparelhos de radioterapia de cinco em cinco anos. "Em toda esquina existe um aparelho de raios X e de abreviatura e muitos desses equipamentos estão desregulados, emitindo radiação em excesso. No Brasil não existe controle do número de radiações que as pessoas podem tomar, enquanto que na Alemanha, a fiscalização é feita através de um cartão onde o máximo permitido é de quatro chapas de Raios X por ano", denuncia a professora de Física.

Outra crítica que Deise Agrelo faz à CNEN é com respeito ao trabalho dos técnicos que estão medindo o nível de radiação da área contamina-



Deise Agrelo, PhD em Física Nuclear, alerta sobre perigos

da. "Eles circulam na região afetada sem as precauções adequadas. Apesar de estarem com macacões revestidos com placas de chumbo ou alumínio, eles estão com o rosto e os cabelos desprotegidos, podendo receber partículas do elemento. Estas pessoas correm risco de absorverem a radiação e futuramente serem cancerosas. Esse trabalho deveria ser feito por robôs, mas a falta de recursos e de tecnologia impedem tal fato".

Para a professora de Física, o problema se resume na desinformação. Falta uma política de conscientização da população por parte dos órgãos governamentais, dos perigos da radiação, assim como dos riscos que correm com a energia nuclear.

O Departamento de Física da UnB conta com quatro professores na área de Energia Nuclear, dos quais três estão de licença e a professora Deise, no momento, é a única representante do Grupo de Pesquisa Nuclear. Sem condições físicas e recursos para desenvolver um estudo experimental de pesquisa nuclear na universidade, Deise Agrelo, com muito cuidado, diz que o curso é apenas teórico.

MARIO TAFURI

Paridade é meta de servidor

"Na UnB existe um grande centralismo das decisões e o estatuto não permite a participação dos funcionários na decisão dos colegiados". O presidente da ATAFUB, Rosalvo Pereira Filho, dono destas palavras, está tentando conscientizar os funcionários da participação que eles devem ter dentro da Universidade. Para viabilizar esta participação foi promovido nos últimos dias 15 e 16 o seminário "Perspectivas de Mudanças na UnB".

O número de inscrições ficou abaixo do que se esperava. No seminário que foi promovido em dias de expediente normal, com funcionários se inscreveram. Na abertura, quinta de manhã, o tema discutido foi "Estrutura de Poder na Universidade". Depois, foram analisados temas como o ensino de pesquisa e extensão, pelo professor da Engenharia Mecânica e ex-presidente da ADUnB, Antônio Ibañez, o papel do servidor técnico administrativo e a política de recursos humanos. Pela defesa da paridade e por uma integração maior dos funcionários com os problemas universitários, Rosalvo está querendo que seja organizado um Congresso Universitário ainda este ano.

"Caso Ronaldo é um conto do vigário"

O diretor do Instituto de Expressão e Comunicação — IC, João Ferreira, considera como conto do vigário, muito bem armado, o recurso que o professor Ronaldo de Melo e Souza fez junto ao Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação para lecionar a disciplina "Teoria e Métodos, da Crítica Moderna" do curso de mestrado no Departamento Teoria da Literatura — TEL.

Para João Ferreira, o TEL está sendo vítima de uma campanha de difamação perante a reitoria e à comunidade. O pivô de toda estória foi a carta que o professor Ronaldo enviou ao reitor, na qual se dizia impedido arbitrariamente de cumprir com suas funções de docente. "Ele faz o jogo de inverdades e difamação e a carta não passa de uma falácia, ou seja, a arte retórica de fazer crer que uma coisa que não existe, apareça como real". Segundo o diretor do IC, a reitoria foi induzida a determinar o oferecimento da disciplina ao professor e a instaurar uma comissão para apurar possíveis irregularidades no TEL sem antes apurar a realidade dos fatos.

A comissão instaurada pela Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação — CPP — presidida pelo professor José Carlos Band Aleixo, deveria ter apresentado um parecer à CPP no dia 15. Os trabalhos ainda continuam e o Decano Isaac Roitman não quis antecipar nada sobre o que foi apurado. João Ferreira não quis fazer qualquer comentário sobre a comissão, ele prefere esperar pelo resultado das investigações.

EQUIVOCOS

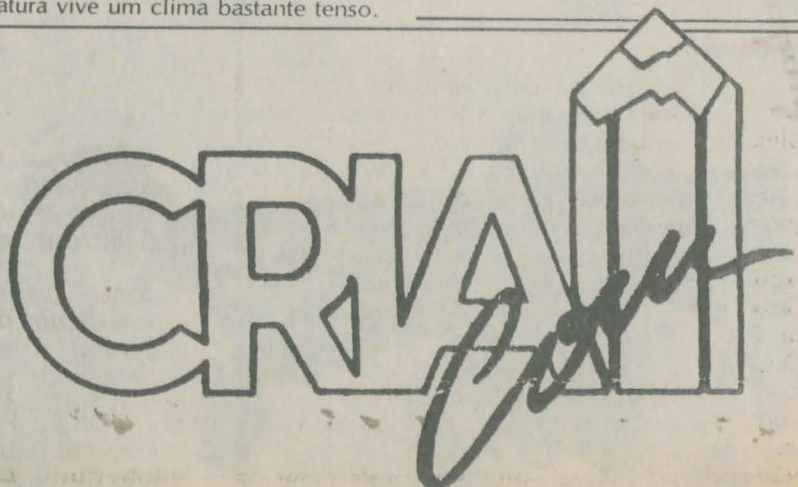
O departamento de Teoria da Literatura vive um clima bastante tenso.

Segundo o diretor do IC, existe muita fofoca de bastidores e, "num universo de 18 professores, um está contra os outros 17 que compõem o colegiado". Toda a polêmica levou o professor Danilo Lobo a renunciar ao cargo de coordenador do mestrado.

"O Departamento não atribuiu a disciplina do mestrado ao professor Ronaldo, porque ele não tem habilitação legal para lecionar no curso" — afirma o diretor do IC. O colegiado está calado na resolução número 5 de 10/03/83 do Conselho Federal de Educação — CFE. Pela resolução, é preciso ter título de doutor ou equivalente, como notório saber ou livre docência, para ministrar no curso de mestrado. João Ferreira diz que existe um grande equívoco do professor, que acabou levando a Congregação da Carreira do IC e a Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação a aprovarem o pleito do professor Ronaldo de Melo. "Além disso as instâncias superiores não perceberam que a disciplina "Teoria e Métodos da Crítica Moderna" não é cadastrada no curso e sim a disciplina "Correntes Críticas e Teóricas", que tem como titular a professora Neide de Faria, credenciada pelo CFE. Tudo não passa de desinformação", concluiu João Ferreira.

Apesar do Decanato ter determinado o oferecimento da disciplina ao professor Ronaldo, a DAA ainda não recebeu o processo para incluí-la na listagem de composição de turmas. Enquanto isso, o professor continua lecionando com os direitos adquiridos via instâncias superiores ao TEL.

MARIO TAFURI



Propaganda é de graça na COM

Um bom provérbio para o Departamento de Comunicação seria o seguinte: tudo o que aqui há, só há porque o jornalismo existe. Tanto assim que o já atuante CRIACOM, inicialmente um núcleo de produções publicitárias, surgiu para atender às demandas quinzenais do Jornal Campus. Só que neste final de ano o CRIACOM pretende deixar de ser apenas um satélite do jornal-laboratório para tornar-se uma agência experimental de publicidade cujo objetivo é de não só atender ao Campus, mas, principalmente, cativar uma clientela diversificada dentro da Universidade.

O projeto de reformulação do CRIACOM anda de vento em popa. No final de outubro o grupo pretende iniciar suas atividades como agência. Qualquer departamento ou órgão da Universidade pode encomendar campanhas ou quaisquer trabalhos de competência de uma agência publicitária. Não é necessário pagar pelo serviço prestado, porém, o fornecimento do material de trabalho fica por conta do cliente.

Para os alunos de publicidade o CRIACOM é não só um espaço para se extravasar toda a criatividade em

trabalhos que servirão a um determinado fim, mas inclusive uma oportunidade de se vivenciar o cotidiano de uma agência. Segundo o professor Clodomir Ferreira, um dos orientadores do projeto, a vivência do "ritual" das agências profissionais proporciona uma noção global de todos os procedimentos e etapas da produção das peças publicitárias. Haverá sempre a rotatividade dos alunos. Todos passarão por diversas funções, indo desde o atendimento aos clientes até a criação e produção dos anúncios. O CRIACOM não é uma matéria que vale créditos. Os alunos são voluntários, o que parece aumentar a disposição para batalhar a concretização das idéias. Afinal, como observa a professora Ruth Maria Scaff, orientadora da parte de planejamento da agência, este é o momento que os alunos têm para adquirirem maior independência de trabalho, realizando campanhas que sirvam para solucionar um problema real. É sair do faz de conta da sala de aula para a realidade da Universidade.

NATHALIA KNEIPP

Sua Saúde Anda Mal?

